

LIVRO DE RECLAMAÇÕES PARA O MUNDO

Crônicas do Absurdo



SABINO PEREIRA

Livro de Reclamações para o Mundo

Crónicas do Absurdo

EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM

SABINO PEREIRA

UMA OFERTA DO AUTOR

Gratuito por tempo limitado

Esta edição digital é oferecida gratuitamente até 30 de agosto de 2026, como convite para conheceres a escrita e o universo criativo de Sabino Pereira.

Podes guardá-la e lê-la para uso pessoal. Não é permitida a revenda, reprodução comercial ou redistribuição do ficheiro.

sabinopereira.com

Copyright © 2026 Sabino Pereira

Todos os direitos reservados.

Edição Digital Premium — revista e oferecida pelo autor.

Uso pessoal apenas. Não autorizada para revenda ou redistribuição.

<https://sabinopereira.com>

ANTES DE RECLAMAR

Prefácio

Se estás à procura de inspiração barata, frases motivacionais para colar no frigorífico ou um guia para “ser a tua melhor versão” em cinco passos, fecha este livro agora. Este trabalho não é para ti.

Estas reclamações nasceram do cansaço. Do cansaço de ver o mundo transformar-se num palco onde toda a gente representa, mas quase ninguém vive de verdade. São fruto de anos a atravessar corredores frios em prédios de vidro, a perder-se em labirintos de burocracia que se riem de nós e a sentir o isolamento de uma sociedade sempre “ligada”, mas cada vez menos pertencente.

Este livro é pele. É a experiência de quem tropeçou sempre no mesmo degrau que ninguém remove, de quem ouviu o silêncio pesado de um escritório cheio de gente e de quem viu a criatividade ser asfixiada por uma folha de Excel.

Ao longo destas 30 reclamações, não vais encontrar soluções mágicas. Vais encontrar um espelho — às vezes deformado, às vezes cruel, quase sempre familiar — que reflete o absurdo do nosso tempo.

ÍNDICE

Trinta reclamações. Cinco frentes.

PARTE I · Mundo em modo espetáculo

- 01 O Inocente do Jogo Limpo
- 02 O Teatro do Candidato Ideal
- 03 A Liturgia do Calendário Cheio
- 04 A Fábrica de Canudos
- 05 O Evangelho do KPI (O Messias do Propósito)
- 06 O Labirinto do "Aguarde" (Apoio ao Cliente)
- 07 O Serviço Público (O Puzzle do Sofrimento)
- 08 A Arquitetura da Exclusão (O Teatro da Acessibilidade)

PARTE II · Mercado da alma, do corpo e da fé

- 09 O Mercado do Emagrecimento
- 10 A Indústria da Beleza Impossível
- 11 O Negócio da Cauda a Abanar
- 12 Gurus da Alma e da Carteira
- 13 Consumismo Disfarçado (O Luxo do Lixo)

PARTE III · Relações, máscaras e solidão

- 14 O Catálogo Humano
- 15 O Paradoxo da Conectividade (A Solidão Digital)
- 16 Amizades de Conveniência
- 17 A Ditadura da Reação

PARTE IV · Identidade, exaustão e confusão

- 18 O Motor Fundido (Burnout)

- 19 A Ditadura da Melhor Versão (Otimismo Tóxico)
- 20 A Paralisia da Escolha (A Prisão do “E Se?”)
- 21 A Vida em Prestações (Subscrições)
- 22 Má Educação (A Etiqueta do Umbigo)
- 23 O Manual Infinito do Falar Certo
- 24 O Espelho da Repetição (A Criatividade em Férias)

PARTE V · Memória, medo e fim de linha

- 25 A Memória Curta (Expat vs. Imigrante)
- 26 A Ilusão da Segurança
- 27 O Depósito da Memória
- 28 A Fila Invisível (A Caridade como Espetáculo)
- 29 O Algoritmo Não Te Ama
- 30 O Silêncio Entre Paredes (Onde o Estado não Chega)

PARTE I

Mundo em modo espetáculo



RECLAMAÇÃO N.º 1

O Inocente do Jogo Limpo

A Educação para um Mundo que Não Existe

I. A Boa Fé como Método

Ensinarão-te que o mundo funciona à base de justiça. Que se fores correto, educado e trabalhador, as coisas alinham. Que o mérito sobe, que a verdade protege e que o esforço encontra sempre o seu lugar. Cresceste a acreditar que a vida é uma espécie de contrato moral invisível tu cumpres a tua parte, o mundo cumpre a dele. Por isso fizeste tudo “como deve ser”. Esperaste a tua vez. Não passaste à frente. Não pisaste ninguém.

Disseste “obrigado”, “desculpa”, “não faz mal”. Acreditaste que regras existem para todos e que caráter pesa mais do que truques. Foste educado demais para levantar a voz e ingénuo demais para perceber que o silêncio não é neutro — é consentimento. Chamaram-te bom rapaz. Pessoa séria. Profissional fiável. Nunca te chamaram esperto.

II. O Jogo que Nunca Te Explicaram

O problema não foi o que fizeste. Foi o jogo em que entraste sem manual. Enquanto tu jogavas limpo, os outros jogavam rápido. Enquanto tu acreditavas que a verdade se impunha sozinha, alguém a vendia melhor. Enquanto tu confiavas no “vai-se resolver”, alguém já tinha resolvido... para si.

Aprendeste, tarde demais, que o mundo não premia quem faz bem premia quem faz primeiro, quem fala mais alto ou quem sabe exatamente onde dobrar a regra sem a partir. Descobriste que honestidade não é moeda forte; é um extra opcional. Um acessório bonito, mas dispensável. Cada pequena injustiça vinha embrulhada numa frase simpática: “Não leves a mal.” “Não é nada pessoal.” “É assim que funciona.”

E tu aceitavas. Porque ainda acreditavas.

III. Resposta Automática do Departamento de Realidade (não responder)

Estimado Cidadão de Boa Fé,

Obrigado por jogar segundo regras que nunca estiveram em vigor. Lamentamos informar que a sua educação exemplar não constitui vantagem competitiva no mundo real. Nós não garantimos justiça. Garantimos funcionamento. Se o seu esforço não foi reconhecido? Chamamos-lhe desalinhamento de expectativas.

Se alguém menos preparado passou à sua frente? Chamamos-lhe capacidade de posicionamento. O nosso sistema baseia-se na Ambiguidade Moral Eficiente: quem questiona menos, avança mais depressa. A sua integridade será valorizada... emocionalmente. Não operacionalmente.

Com consideração protocolar, A Direção de Ajustamento à Vida Adulta.

IV. O Dia em que a Justiça Não Chegou

Não houve explosão. Nem tragédia. Só um dia banal em que percebeste. Um email curto. Uma decisão tomada “em alinhamento estratégico”. Um sorriso constrangido do outro lado da mesa.

E pronto. Nesse momento, algo caiu — não foi a esperança, foi a ilusão. Percebeste que ninguém te enganou. Tu é que acreditaste. O mundo nunca prometeu ser justo; tu é que assinaste esse contrato sozinho.

Olhaste para trás e viste a ironia cruel: fizeste tudo certo... num sistema que não recompensa o certo. O nó na garganta apertou não por raiva, mas por clareza. A clareza dói mais.

O mundo chama-lhe maturidade. Tu chamas-lhe luto: o luto pela versão de ti que acreditava que jogar limpo bastava. Fica o silêncio depois da ficha cair. Fica a educação que não abriu portas.

Fica a estranha culpa de perceber que foste inocente — não porque não sabias, mas porque acreditaste. E ficas tu, finalmente lúcido, a aprender a lição mais cara de todas: o mundo não é injusto contigo. o mundo é indiferente. E a justiça... nunca foi automática.

RECLAMAÇÃO N.º 2

O Teatro do Candidato Ideal

I. A Audição de Gala

Ensinarão-nos que recrutamento é sobre competência. Mentira... É sobre representação. Fato engomado. Sorriso treinado de quem “adora desafios”. Um currículo tão polido que reflete luz no escuro. O mercado de trabalho virou um jogo de cadeiras musicais em que a música nunca para para ti, porque as cadeiras já têm nome antes da audição começar. Perguntam-te onde te vês daqui a cinco anos. A resposta honesta seria: “Longe de processos viciados.” Mas o guião exige outra coisa.

Fala de crescimento. Visão. Vestir a camisola. Tudo isso por um ordenado que mal paga a lavandaria do próprio fato.

II. Resposta Automática dos RH (não responder)

Caro Candidato n.º 402,

Obrigado pelo seu interesse em fazer parte da nossa família. Lamentamos informar que não foi selecionado, mas o seu perfil ficará na nossa base de dados (leia-se: esquecimento organizado). Nós não vendemos carreiras. Vendemos a burocracia da esperança. Se a vaga já estava reservada para o sobrinho do diretor? Chamamos-lhe alinhamento cultural. Se o processo teve seis fases, um teste de QI e um estudo comportamental? Chamamos-lhe rigor metodológico.

O nosso modelo não é encontrar talento. É cumprir métricas de transparência fictícia. Porque se admitíssemos que contratamos por cunha, o departamento perdia orçamento.

Por isso:

- pedimos formulários com dados que já estão no CV
- exigimos vídeos motivacionais para avaliar o teu “brilho”

- oferecemos fruta à sexta-feira para compensar salários de 2010

Não nos peça feedback honesto. Oferecemos uma resposta automática gerada por um bot. O seu tempo é o nosso indicador de performance.

*Com entusiasmo institucional, O Departamento de Gestão de Recursos
(In) Humanos (gerido por quem nunca leu o seu nome próprio).*

III. O Dia em Que o Ghosting Venceu

A entrevista correu bem. O aperto de mão foi firme. O “entraremos em contacto” soou quase a promessa. Chegou o momento de esperar pela oportunidade da tua vida. Mas o silêncio que se seguiu parece-se muito com desprezo. Olhaste para o telemóvel à espera de um sinal. Não viste resposta. Viste o vazio de quem investiu esperança num sistema sem rosto. Uma cabeça cheia de “e se?”. Um histórico de candidaturas que já parece um diário de rejeições anónimas.

Um talento real que começa a duvidar de si próprio, vencido pela indiferença corporativa. Mãos que atualizam o e-mail dez vezes por hora. Tentaste manter a energia positiva. A sensação de ser apenas um número respondeu em dobro. O LinkedIn diz que “estão a contratar”. Tu sabes que estão apenas a fazer teatro.

E aí percebes a armadilha: gastaste o teu tempo a provar o teu valor a quem só precisava de preencher uma linha no Excel. O mundo chama-lhe dinamismo do mercado. Mas tu sabes a verdade. É a solidão de perceber que, para o sistema, és apenas tráfego num funil sem fim. Quando o silêncio se torna definitivo, vai com ele a ilusão de que o mérito é a regra.

Fica o fato no armário. Fica o currículo desatualizado. E fica uma vontade estranha, quase urgente: rasgar o guião e trabalhar apenas para quem ainda te vê como gente.

RECLAMAÇÃO N.º 3

A Liturgia do Calendário Cheio

I. O Teatro da Disponibilidade

Ensinararam-nos que colaborar é essencial. Esqueceram-se de dizer que, hoje, “colaborar” é o eufemismo para impedir os outros de trabalhar. O escritório virou um jogo de Tetris no Outlook, em que o objetivo não é produzir, é não deixar um único espaço em branco no calendário. “Tens 5 minutos?” é o beijo da morte da concentração. Cinco minutos para entrar, dez para partilhar o ecrã e uma hora para decidir o que vamos discutir na próxima vez.

Chamam-lhe sinergia. Mas é só o medo de tomar uma decisão sozinho disfarçado de democracia corporativa. Reuniões de última hora surgem como vírus: ninguém sabe porque existem, mas todos devem aparecer. O convite chega com “urgente”, mesmo que a agenda do projeto inteiro estivesse vazia antes de aparecer. A presença é verificada como se fosse um teste de lealdade, não uma questão de produtividade.

II. Resposta Automática do Organizador Compulsivo (não responder)

Caro Colaborador com Agenda Livre (por milagre),

Obrigado por aceites este convite sem agenda definida. Lamentamos que o teu trabalho real esteja atrasado, mas importa esclarecer: Nós não vendemos produtividade. Vendemos a sensação de movimento sem sair do lugar. Se podíamos ter resolvido isto por e-mail? Chamamos-lhe proximidade estratégica.

Se convidámos 15 pessoas para uma decisão de duas? Chamamos-lhe inclusão e transparência. Se alguém apareceu só para mostrar que estava ocupado, chamamos-lhe engajamento proativo. O nosso modelo não é chegar a conclusões. É validar a existência do nosso cargo. Porque se parássemos de reunir, alguém ia reparar que não temos nada para fazer.

Por isso:

- marcamos reuniões para preparar a reunião de amanhã
- obrigamos-te a ligar a câmara para vermos o teu cansaço em HD
- celebramos o “sucesso” de uma chamada que terminou sem ações concretas
- inventamos tópicos só para manter a sensação de importância
- promovemos a rotação de quem fala mais alto como “participação ativa”

Não nos peça objetividade. Oferecemos um podcast indesejado onde tu és o ouvinte cativo. O teu silêncio no “mudo” é o nosso indicador de audiência. Com espírito de equipa, O Marcador de Call de Sexta-feira às 17h (gerido por quem adora ouvir a própria voz em conferência).

III. O Dia em Que o Trabalho Ficou Para Depois

A chamada caiu. O ecrã ficou preto. Chegou o momento de finalmente começares a trabalhar. Mas o teu cérebro, antes focado, parece-se agora com um campo de batalha de interrupções. Olhando para a lista de tarefas à espera de progresso, não vês resultados.

Vês o rasto de quem passou o dia a “alinhar” o nada, enquanto as horas úteis se esvaíram em conversa fiada. Uma cabeça cheia de “o que é que eu fiz hoje mesmo?” Um histórico de notificações que se lê como um obituário da tua produtividade. Um talento real que se sente a murchar, vencido pela reunionite crónica e pela presença estratégica de quem não faz nada.

Mãos que fecham o portátil quando o sol já se pôs. Tentaste manter o ritmo. A tirania do “urgente” que podia ter sido um e-mail respondeu em dobro. A casa está em silêncio, mas o Teams continua a apitar na tua cabeça. O ecrã pisca com novos convites de reunião de 10 minutos, apenas para ocupar espaço no calendário, sem objetivo real.

E aí percebes a armadilha: gastaste o teu capital mental a fingir que estavas atento a um Power Point lido em voz alta. Gastaste horas valiosas para

validar a importância de quem não precisava ser validado. O mundo chama-lhe gestão moderna. Mas tu sabes a verdade.

É a solidão de perceber que o teu tempo foi roubado para preencher o vazio de quem não sabe o que fazer com o seu. Quando o computador entra em suspensão, vai contigo a revolta de saber que o teu melhor foi sacrificado no altar do “vamos só alinhar” e “apenas para constar”. Fica o calendário pintado de azul. Fica o trabalho real por fazer. E fica uma vontade estranha, quase urgente: apagar os convites, fechar a porta e trabalhar apenas com quem sabe o valor de um e-mail bem escrito.

RECLAMAÇÃO N.º 4

A Fábrica de Canudos

I. A Ilusão da Linhagem

Ensinarão-te que o diploma era o teu passaporte para a liberdade. A chave mestra que abriria todas as portas de um mundo que te espera com tapete vermelho. Anos de vida entregues a salas cinzentas, a decorar fórmulas que o Google já sabe,

a vomitar datas em folhas de exame para provar que és um bom recitador. A educação tornou-se uma linha de montagem. Não se criam pensadores, criam-se peças. Engrenagens polidas, prontas para encaixar num sistema que já tem o molde pronto.

Chamam-lhe investimento no futuro. Mas muitas vezes parece um leilão de ego, onde o prestígio se mede pelo selo na capa e a inteligência se confunde com obediência. Prometeram-te o topo da pirâmide. Esqueceram-se de dizer que, lá fora,

o mercado só quer saber o que sabes fazer — não o que o teu papel diz que estudaste.

II. Resposta Automática da Reitoria de Gestão (não responder)

Prezado Candidato a um Futuro Incerto, Obrigado por financiar o nosso novo campus. Lamentamos que o mercado esteja saturado, mas importa esclarecer: Nós não vendemos sabedoria. Vendemos a autorização para concorreres a um estágio não remunerado.

Se a mensalidade sobe e a qualidade desce? Chamamos-lhe atualização curricular estratégica. Se os teus professores nunca saíram do livro? Chamamos-lhe rigor académico. O nosso modelo de negócio não é ensinar-te a viver. É manter a máquina a rodar. Garantir que ficas connosco tempo suficiente para pagares a infraestrutura.

Não nos peças utilidade real. Oferecemos redes de contactos e status. O teu medo de ser “ninguém” sem um título é a nossa maior garantia de lucro.

Com os melhores cumprimentos, O Conselho Consultivo da Fábrica.

III. O Dia em Que o Papel Ficou Amarelo

A cerimónia terminou. O chapéu voou pelos ares. O brinde foi feito com o orgulho dos pais. Chegou o momento de abrir a porta e mostrar ao mundo o teu troféu de papel. Mas a realidade não lê rodapés nem latim. A realidade quer sangue, suor e soluções.

Olhando para o currículo à espera de magia, não vês uma carreira. Vês a tua juventude formatada em módulos, enquanto o sistema te pede experiência que a tua faculdade proibiu de ter. Uma cabeça cheia de teorias mortas. Uma dívida que te saúda logo pela manhã.

Um coração que se sente enganado, vencido pela distância entre a nota e a vida. Mãos que seguram o canudo com força. O nó na garganta aperta ao perceber que és apenas mais um numa fila de mil.

Todos com o mesmo selo. Todos com o mesmo vazio. O mundo chama-lhe meritocracia. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que o teu passaporte não tem validade na fronteira do trabalho real. Fica o eco do hino. Fica a moldura na parede da sala.

Fica a vontade urgente de que aprender volte a ser sobre curiosidade. Só para nunca termos de ver o brilho de uma mente jovem a ser triturado por uma fábrica de canudos sem alma. Sentado na escadaria vazia da universidade, com o diploma debaixo do braço,

a ver os novos caloiros entrarem com o mesmo brilho que tu acabaste de perder.

RECLAMAÇÃO N.º 5

O Evangelho do KPI (O Messias do Propósito)

I. O Sermão da Missão Inspiradora

Ensinarão-te que o teu trabalho deve ter um “Propósito”. Mas tu descobriste que o propósito corporativo é uma camada de verniz poético sobre uma estrutura que só entende de margens de lucro. À frente desta catedral de vidro está o Messias do LinkedIn: um arquétipo que vive de frases de efeito e posts virais sobre vulnerabilidade,

enquanto te gere como uma variável num balanço. É a liderança de palco, onde a empatia é um tópico de retiro de luxo ao fim de semana, rapidamente esquecido na primeira reunião de cortes de segunda-feira.

Convencem-te de que cada clique no rato é um passo para a salvação da humanidade, enquanto a tua única missão real é não deixar o KPI cair no vermelho.

II. O Tribunal da Performance

Dizem que a tua avaliação é um “momento de crescimento e feedback”. Mas o que vês é o tribunal do Messias. É o momento em que a tua complexidade humana é reduzida a uma nota de 1 a 5. Não importa se o “Líder Inspirador” pregou o equilíbrio entre vida e trabalho no seu último artigo;

no momento da verdade, ele quer o plural para o sacrifício (“nós temos de dar o extra”) e o singular para o bónus. É a arte de te fazer sentir que nunca és “suficiente”, para que a tua busca pela nota perfeita seja o combustível que mantém a máquina a arder.

III. Resposta Automática do Comité de Branding e Executive Coaching (não responder)

Estimado Ativo em Desenvolvimento e Seguidor do Líder,

Obrigado por validar a nossa “Aura de Impacto” com a sua dedicação silenciosa. Lamentamos que sintas um desfasamento entre o post inspirador do CEO e a sua realidade exausta, mas importa esclarecer: Nós não vendemos coerência. Vendemos a ilusão de que és “parte de algo maior” para não pedires um aumento. Se o líder fala de “liderar com o coração” enquanto corta o teu seguro de saúde?

Chamamos-lhe pivotagem estratégica necessária. O nosso modelo é a Liderança Aspiracional: o objetivo não é que ele te guie, mas que tu o admires tanto que esqueças que o teu trabalho está a pagar a terceira casa de férias dele.

IV. O Vazio Pós-Aplauso

A town hall terminou. O Messias do LinkedIn saiu pela porta lateral, a caminho do próximo evento de oratória. Ficaste ali, com o PDF da tua avaliação “dentro do esperado” e a secretária cheia de problemas reais que nenhuma frase motivacional consegue resolver.

Chegou o momento de olhar para a sátira do teu esforço: uma dose de motivação barata que dura tanto quanto um café mal tirado. Estão a pedir-te paixão de dono com salário de inquilino. O nó na garganta aperta ao perceber que a “missão inspiradora” é o anestésico para não sentires a amputação da tua criatividade.

A tua performance foi medida, pesada e considerada “funcional” por alguém mais apaixonado pela própria voz do que atento ao teu cansaço. O mundo chama-lhe liderança visionária e gestão por propósito. Tu sabes a verdade:

é a solidão de perceber que o teu valor não está no que és, mas na rapidez com que consegues alimentar o ego de um guru de escritório. Fica o eco do “vamos mudar o mundo”. Fica o post viral que não paga as tuas contas.

Fica a vontade urgente de ter um trabalho normal, só para nunca mais vermos o fogo de uma vocação ser apagado por um roteiro de oratória numa folha de Excel da vaidade executiva.

RECLAMAÇÃO N.º 6

O Labirinto do "Aguarde" (Apoio ao Cliente)

I. A Sinfonia da Esperança Trita

Ensinarão-te que o cliente tem sempre razão. Mas tu sabes que, na verdade, o cliente é apenas um obstáculo entre o lucro da empresa e a paz do call center. A tua jornada começa com um número de quatro dígitos,

onde a primeira barreira é uma voz metálica que te saúda com alegria programada. Trocaste a tua tarde por uma melodia de espera em loop, um piano distorcido que parece composto

para testar os limites da sanidade humana. “A sua chamada é muito importante para nós”, dizem. Mas se fosse realmente importante, não estaria a ser atendida por um algoritmo com menos empatia do que um parquímetro.

Chamam-lhe eficiência digital. Mas parece um deserto de opções inúteis: carregas no 1 para o problema que não tens, no 2 para a solução que não existe,

no 3 para voltares ao início do pesadelo — um círculo infinito de desesperança em Dolby Surround.

II. Resposta Automática do Bot “Zen-Apoio” (não responder)

Estimado Número de Protocolo,

Obrigado por tentar contactar a nossa Linha de Desespero. Lamentamos que o seu serviço não funcione, mas importa esclarecer: Nós não resolvemos problemas. Gerimos a tua fadiga. Se o nosso Bot não entende a sua pergunta simples? Chamamos-lhe Inteligência Artificial em fase de aprendizagem.

Se a chamada “cai” misteriosamente após quarenta minutos? Chamamos-lhe otimização de tráfego de rede. O nosso modelo de negócio é Desistência por

Exaustão. Quanto mais tempo passas a ouvir a nossa flauta de pan, menos provável é que exijas o reembolso.

Não nos peça uma solução humana. Oferecemos um menu de FAQs que não respondem a nada. A tua frustração é o nosso melhor indicador de funcionamento do sistema.

*Com os melhores cumprimentos, A Unidade de Encaminhamento Infinito
(porque ninguém paga por respostas, pagam por espera).*

III. O Silêncio no Fim da Linha

A música parou. O ruído de fundo mudou. Apareceu uma voz humana, cansada, a ler um guião escrito por alguém que nunca teve um problema. Chegou o momento de explicar, pela quarta vez, que o erro não é teu, que a fatura está errada, que a luz não acende.

Mas o guião não prevê a verdade. O guião só prevê o “procedimento padrão”, uma armadura de frases feitas para desviar a tua lógica. “Pode desligar e voltar a ligar o aparelho?”, perguntam.

Como se a vida se resolvesse com um reset de fábrica. Olhaste para o telefone e viste o absurdo: tu a implorar por um serviço que já pagaste, enquanto do outro lado alguém é pago para não te ouvir.

Mãos que apertam o telemóvel com força. O nó na garganta que aperta ao ouvir o “vou só transferir a chamada”. O som do abismo que te leva de volta ao piano distorcido. A tua existência resumida a um ticket que ninguém tem intenção de fechar. O mundo chama-lhe satisfação do consumidor.

Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que, para a máquina, tu és apenas um ruído estatístico a silenciar. Fica o eco da música de espera.

Fica o número de protocolo escrito num papel inútil.

Fica a vontade urgente

de que o atendimento volte a ser conversa,
só para nunca mais vermos a dignidade de um cidadão
a ser cozinhada em lume brando numa folha de Excel da retenção.
Sentado no sofá com o telefone no ouvido,
a ouvir o sinal de linha interrompida,
o silêncio da casa confirma que perdeste de novo para o Bot —
e o Bot está a ganhar.

RECLAMAÇÃO N.º 7

O Serviço Público (O Puzzle do Sofrimento)

I. O Tutorial que Nunca Acaba

Ensinarão-te que o serviço público serve o cidadão. Mas, na realidade, serve a própria burocracia, que parece divertir-se a criar níveis de dificuldade impossíveis. Chegas com os documentos na mão, achando que estás preparado,

e rapidamente percebes que o manual que te deram é uma mentira: faltam instruções, regras mudam sem aviso e cada balcão é um “checkpoint” que te envia de volta ao início. Trocaste a esperança por uma série infinita de “missões secundárias”:

carimbos escondidos, formulários incompletos, autenticações que exigem mais papelada do que tens mãos. É como jogar um jogo em que ninguém te diz o objetivo, mas espera que tu ganhes, e o sistema ri-se das tuas falhas.

Chamam-lhe eficiência e legalidade. Mas parece sadismo institucional: cada passo correto é recompensado com outro obstáculo, e a sensação de progresso é uma ilusão

feita de retornos e filas intermináveis.

II. Resposta Automática do Departamento de Dificuldades Estratégicas (não responder)

Estimado Jogador-Cidadão,

Obrigado por submeter-se ao nosso puzzle interativo. Lamentamos que ainda não tenha atingido o nível final, mas importa esclarecer: Nós não vendemos soluções. Vendemos desafios contínuos. Se pensaste que um carimbo resolveria o problema? Chamamos-lhe “nivelamento de paciência”.

Se achaste que a informação online era completa? Chamamos-lhe teste de resiliência cognitiva. O nosso modelo de negócio é a Procrastinação Gamificada: cada erro é um “retry” e cada sucesso parcial apenas desbloqueia outro desafio de categoria superior. O teu tempo e a tua sanidade são os recursos que alimentam o nosso motor, e nós estamos aqui para garantir que gastes ambos até ao limite do Game Over.

*Com os melhores cumprimentos, O Mestre de Cerimónias dos
Formulários e Labirintos Administrativos.*

III. O Boss Final que Nunca Cai

Saíste com a pasta mais pesada e a cabeça cheia de interrogações. Chegou o momento de olhar para a sátira da tua cidadania: cada balcão é um “mini-boss”, cada formulário perdido é uma armadilha e cada informação incompleta é um respawn

que te obriga a voltar à fila inicial às sete da manhã. A vitória é rara, e a sensação de ter resolvido alguma coisa é apenas momentânea —

porque amanhã outro decreto surgirá, ainda mais confuso. Olhas para os teus documentos e vês a verdade nua: o serviço público é um jogo cruel onde o cidadão não ganha pontos, ganha cicatrizes.

O nó na garganta aperta ao perceber que, por mais que cumpras as regras, o sistema foi desenhado para te fazer sentir que estás sempre em falta.

O mundo chama-lhe administração eficiente e modernização administrativa. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que alguém decidiu

que sofrer é parte do treino obrigatório para quem quer apenas existir dentro da lei. Fica o eco do “volte amanhã”. Fica a senha que perdeu validade antes de chegares ao balcão.

Fica a vontade urgente de fugir do labirinto,

só para nunca mais vermos a resolução de um problema de um homem
ser tratada como um puzzle impossível
numa folha de Excel da frustração institucional.
Sentado no banco à porta do edifício,
a perceber que o único troféu que ganhaste hoje
foi a tua própria paciência... e mesmo essa
já não tem validade para o próximo nível.

RECLAMAÇÃO N.º 8

A Arquitetura da Exclusão (O Teatro da Acessibilidade)

I. A Pista de Obstáculos de Cimento

Ensinarão-te que a cidade é para todos. Mas tu descobriste que a cidade é um labirinto desenhado para quem tem pernas fortes e sorte no caminho. Para quem precisa de uma rampa, a jornada torna-se

um exercício de humilhação logística: passeios interrompidos por postes, degraus que surgem como muros e rampas com inclinações tão sádicas que parecem feitas para desportos radicais, não para a vida real. É a arte de fingir que se inclui:

coloca-se uma guia para cegos que termina num buraco, ou um elevador “em manutenção” desde o século passado. O espaço público tornou-se uma declaração silenciosa

de que a tua presença é um erro de planeamento.

II. O Lugar dos “Só Cinco Minutos”

Dizem que o respeito é a base da convivência. Mas o que vês no parque de estacionamento é a prova da falência moral. O lugar reservado, pintado de azul para ser visto à distância,

é tratado como um bónus de conveniência por quem tem preguiça de andar dez metros. “É só um instantinho!”, justifica o condutor apressado, enquanto ocupa o espaço que garante a autonomia de outro ser humano.

É a falta de humanismo transformada em hábito: a conveniência de um torna-se o cárcere do outro. Trocaste a cidadania pela esperteza básica, esquecendo-te que o lugar não é um privilégio de proximidade,

mas a diferença entre conseguir sair de casa ou ser forçado a voltar para trás.

III. Resposta Automática da Secretaria de Barreiras Insuperáveis (não responder)

Estimado Cidadão Condicionado,

Obrigado por tentar navegar na nossa selva de betão. Lamentamos que o seu percurso tenha terminado num degrau insuperável, mas importa esclarecer: Nós não vendemos acessibilidade. Vendemos “Conformidade em Papel”. Se a rampa é demasiado íngreme? Chamamos-lhe aproveitamento de declive natural.

Se o lugar de estacionamento está ocupado por um carro sem dístico? Chamamos-lhe gestão dinâmica de prioridades individuais. O nosso modelo de negócio é a Invisibilidade Seletiva: adoramos falar de inclusão nos folhetos de marketing,

mas detestamos gastar orçamento em infraestrutura real. A tua dificuldade é apenas um “detalhe técnico” que não cabe no nosso plano de urbanismo estético.

Com os melhores cumprimentos, O Diretor de Engenharia de Exclusão e Desculpas Esfarrapadas.

IV. O Degrau da Solidão

Ficaste parado à porta do edifício, a olhar para o degrau que te separa do mundo. O carro que ocupava o lugar reservado já saiu, deixando para trás apenas a marca da sua indiferença.

Chegou o momento de olhar para a sátira da nossa “civilização”: temos tecnologia para chegar a Marte, mas não conseguimos nivelar um passeio. Temos mil leis sobre igualdade,

mas não temos o humanismo necessário para não ocupar o espaço de quem já enfrenta uma batalha diária contra a gravidade e o betão. Ficou apenas o cansaço de quem tem de pedir licença para existir

num mundo que te ignora. Olhaste para os transeuntes que passam a correr e viste a verdade nua: a maior barreira não é de pedra, é de olhar.

É a solidão de perceber que a tua autonomia é vista como um “extra” e não como um direito. O nó na garganta aperta ao perceber que a sociedade prefere pintar símbolos azuis no chão

do que remover as pedras do teu caminho. O mundo chama-lhe urbanismo moderno e progresso social. Tu sabes a verdade: é a barbárie de perceber que o valor de um homem

é medido pela sua agilidade, e não pela sua humanidade. Fica o eco do “alguém que ajude a subir”. Fica a multa que nunca é passada.

Fica a vontade urgente de derrubar muros,

só para nunca mais vermos a liberdade de um cidadão

ser barrada por um degrau de indiferença

numa folha de Excel da negligência pública.

Sentado à espera de uma rampa que faça sentido,

a perceber que a maior deficiência de uma cidade

não está no corpo de quem nela habita,

mas no coração de quem a desenha.

PARTE II

Mercado da alma, do corpo e da fé



RECLAMAÇÃO N.º 9

O Mercado do Emagrecimento

I. O corpo como projeto de urgência

Venderam-nos a ideia de que a felicidade pesa menos dez quilos. O corpo deixou de ser organismo. Virou obstáculo. Entre ti e o sucesso há gordura a mais, tempo a menos e um cartão pronto a passar. Cápsulas mágicas. Chás que prometem detox da alma.

Injeções revolucionárias que compram o atalho que a biologia não deu. Chamam-lhe saúde. Mas é só um negócio bem embalado onde a tua autoestima é a moeda de troca.

A felicidade vem em caixas de 30 dias. A segurança, em filtros de “antes e depois”. Já não se ensina a comer. Ensina-se a odiar o reflexo até que a fatura resolva o problema.

II. Resposta Automática do Guru do Fitness (não responder)

Olá, Guerreiro do Verão Obrigado por confiares no nosso Método Milagroso. Lamentamos que ainda não tenhas alcançado o corpo de sonho, mas importa esclarecer: o produto funciona. Faltou foco da tua parte.

Não vendemos nutrição. Vendemos a ilusão da velocidade. Se o chá não resultou? Chamamos-lhe retenção de líquidos. Se a pílula te deixou ansioso? Chamamos-lhe aceleração metabólica. O nosso modelo não é resolver obesidade. É criar clientes sazonais.

Porque se algum dia aceitasses o teu biótipo, o nosso stock de promessas apodrecia.

Por isso:

- alimentamos a tua insegurança com códigos de desconto
- promovemos fotos com luz perfeita e abdómens encolhidos

- chamamos “amor próprio” à compra do próximo pack

Não nos peças ciência. Oferecemos marketing motivacional em jejum. O teu medo de engordar e envelhecer é o nosso bónus anual. Com energia infinita, A Fábrica de Ilusões Estéticas (gerida por quem ganhou a lotaria genética).

III. O dia em que a balança mentiu

A dieta acabou. O frasco ficou vazio. O desafio de 21 dias virou memória. Chegou o momento de sentir leveza. Mas o peso que saiu do corpo voltou em dobro para a mente. Olhaste para os números à espera da glória.

Não viste saúde. Viste medo. Medo de uma fatia de pão. Medo de um jantar normal. Medo do corpo quando não está sob controlo. Uma cabeça cheia de contas por caloria. Um histórico de restrições

que dói mais do que a fome. Um corpo que desaprendeu o prazer. Mãos a tremer de cafeína e culpa. Tentaste sentir-te feliz. A obsessão pelo próximo quilo respondeu em dobro.

O espelho continua inimigo. O corpo está mais magro. A alma, mais pesada. E aí percebes a armadilha: gastaste a tua energia para comprar a aprovação de quem não te conhece.

O mundo chama-lhe foco e disciplina. Mas tu sabes a verdade. É a solidão de viver em guerra com a própria biologia. Quando o último “queima-gorduras” acaba,

vai com ele a paz de simplesmente existir. Fica o efeito ioiô. Fica o metabolismo cansado. E fica uma vontade estranha, quase urgente: perder a ingenuidade e voltar a comer

sem pedir desculpa ao mundo.

RECLAMAÇÃO N.º 10

A Indústria da Beleza Impossível

I. A versão “antes”

Venderam-nos a ideia de que existir ao natural é quase uma falta de educação visual. O teu rosto não é uma identidade; é a “versão antes” de qualquer coisa que ainda não compraste. Se tens rugas, falta-te botox.

Se tens lábios normais, falta-te preenchimento. Se tens músculos normais, falta-te o “suplemento” da farmácia. Nada está certo até passar por uma seringa, um bisturi ou um filtro de alta definição.

Chamam-lhe “autoestima”, mas é apenas um projeto de construção civil sem data de entrega. Tratam a genética como uma desculpa e a idade como uma falha de sistema.

Já não se vende um produto; vendem-se defeitos que tu não sabias que tinhas até abrires o Instagram.

II. Resposta Automática da Clínica (não responder)

Caro cliente n.º 8472,

Obrigado pela sua preocupação. Informamos que o seu rosto atual está obsoleto, mas o nosso catálogo de soluções é infinito. Nós não vendemos saúde; vendemos a ilusão

de que podes parar o tempo se tiveres o cartão de crédito certo. Se os lábios parecem artificiais? Chamamos-lhe “harmonização”. Se os músculos são sintéticos? Chamamos-lhe “performance”. O nosso negócio não é corrigir imperfeições — é criá-las.

Se te sentisses bem contigo próprio, nós iríamos à falência. Por isso, continuaremos a patrocinar filtros que deformam a tua perceção e influencers que escondem as cicatrizes

com luzes de estúdio. Não nos peça aceitação. Nós damos-lhe agendamento. O seu corpo é o nosso mercado de reposição. Atenciosamente, A Indústria (gerida por quem nunca usa o que vende).

III. O espelho que não reconheces

Nesse dia, o penso caiu. O inchaço passou. O roxo desapareceu. Olhaste para o espelho à espera da euforia prometida no anúncio.

Mas o que viste não foi “perfeição”. Foi um estranho. Um rosto com beicinho de pato inflado, uma testa que já não sabe franzir,

uma cara que parece um vidro embaciado: sem poros, sem linhas, sem história. Tentaste sorrir para ver se o “eu” antigo ainda lá estava,

mas os músculos não obedeceram. A pele está esticada, mas a alma continua flácida. Percebes, então, a armadilha: gastaste o que tinhas para apagar quem eras.

E agora que os “defeitos” sumiram, o que sobra? Apenas um vazio plastificado. O mundo chama-lhe “estar impecável”. Mas tu sabes que é apenas a solidão

de quem já não se reconhece no próprio reflexo. Quando o bisturi corta a última ruga, leva com ele a última prova de que foste real.

Resta o catálogo. Resta o filtro. E resta a vontade desesperada de voltar a ter uma cara normal.

RECLAMAÇÃO N.º 11

O Negócio da Cauda a Abanar

I. O membro da família

Ensinararam-nos que um animal é companhia. Para ti, é família. Não tem voz, mas tu entendes cada olhar. Não fala, mas o silêncio dele pesa quando adoece.

O amor por um bicho é a última fronteira da pureza. E é exatamente aí que o mercado monta a armadilha. Chamam-lhe cuidados veterinários. Mas muitas vezes parece um leilão emocional

onde a licitação começa na tua culpa e termina no limite do teu plafond. “Ele faz parte da família, não faz?”, perguntam. E com essa frase, abrem-te o peito e a conta bancária em simultâneo.

II. Resposta Automática do Hospital Vet 24h (não responder)

Estimado Tutor de Cartão de Crédito em punho,

Obrigado por escolher a nossa Clínica “Amor Infinito” (IVA não incluído). Lamentamos que o seu amigo esteja a sofrer, mas importa esclarecer: Nós não vendemos milagres. Vendemos a gestão técnica da tua angústia. Se o exame de 300 € era mesmo necessário? Chamamos-lhe diagnóstico preventivo.

Se o internamento custa mais que um hotel de cinco estrelas? Chamamos-lhe monitorização intensiva. O nosso modelo de negócio não é apenas curar animais. É monetizar o teu medo de dizer adeus. Porque se tu fosses racional, percebias que a natureza tem um fim. Mas como tu és emocional:

– sugerimos três análises extra enquanto tu choras na sala de espera –
apresentamos orçamentos por fases para não te assustarmos logo à entrada –
chamamos “protocolo de urgência” a tudo o que acontece depois das 20h

Não nos peça caridade. Oferecemos ciência de ponta com margem de lucro de luxo. O teu luto antecipado é o nosso melhor indicador de faturação.

Com os melhores cumprimentos, A Administração do Hospital (gerida por quem sabe que tu pagas qualquer coisa

para não veres o bicho sofrer).

III. O dia em que o amor teve preço

A consulta terminou. O diagnóstico foi dado. O orçamento foi impresso. Chegou o momento de decidir entre a sobrevivência dele e a tua estabilidade financeira. Mas a esperança prometida pelo doutor

parece-se muito com uma extorsão legalizada. Olhaste para o teu bicho à espera de uma resposta. Não viste um diagnóstico. Viste o ser que te ama sem pedir nada,

enquanto o sistema te pede tudo para lhe dar mais uma semana de vida. Uma cabeça cheia de “e se eu não pagar, sou um monstro?” Um histórico de poupanças

que se esvai em diárias de oxigénio e exames de contraste. Um coração que quer salvar, vencido pela frieza da calculadora.

Mãos que assinam o papel enquanto o nó na garganta aperta. Tentaste sentir que estavas a fazer o melhor. A sensação de que a vida dele foi reduzida a uma transação

respondeu em dobro. A casa está vazia — ou o bicho está lá, mas a carteira está morta. O mundo chama-lhe medicina avançada.

Mas tu sabes a verdade. É a solidão de perceber que até o amor mais puro tem um balcão de pagamentos à saída.

Quando a última fatura é liquidada, leva contigo a lição de que o sistema não tem coração. Fica o cheiro a álcool e ração dietética.

Fica o crédito para pagar.

E fica uma vontade estranha, quase urgente:

que os bichos vivam para sempre,

só para nunca termos de ver

o preço da sua alma

numa folha de Excel.

RECLAMAÇÃO N.º 12

Gurus da Alma e da Carteira

I. O método salvador

Ensinarão-nos que trabalhar deixou de ser suficiente. Agora precisas de acesso. 500 € por um curso que promete seis dígitos em três meses. 2000 € por um retiro onde vais alinhar chakras financeiros.

50 €/mês para um estranho num ecrã te acordar o “gigante interior”. Chamam-lhe investimento em ti. Mas é só um dízimo moderno pago a quem nunca construiu nada

para além de uma boa história. Prometem liberdade, prendem-te a subscrições. Prometem propósito, vendem atalhos. Disciplina deixou de dar likes.

Abundância quântica, sim — em PDF curto e linguagem vaga. Já não se ensina a fazer. Ensina-se a acreditar até a carteira ceder.

II. Resposta Automática do Mentor (não responder)

Olá, Campeão da Abundância Obrigado por te juntares à tribo. Lamentamos que os resultados ainda não tenham surgido, mas gostaríamos de esclarecer:

o método funciona. A tua vibe é que não. Não vendemos resultados. Vendemos a sensação viciante de que estás sempre a um clique de mudar de vida.

Se o curso é caro? Chamamos-lhe filtro de compromisso. Se as promessas são vagas? Chamamos-lhe clareza estratégica. O nosso negócio não é criar sucessos. É criar buscadores perpétuos. Porque se algum dia te sentisses satisfeito,

o nosso funil morria.

Por isso:

- alimentamos o teu FOMO com ofertas que acabam à meia-noite
- criamos grupos VIP onde ninguém pode estar em baixo
- culpamos as tuas crenças limitantes por cada falha nossa

Não nos peças provas. Oferecemos testemunhos emocionados com música inspiradora. O teu desespero é a nossa margem.

Com gratidão e luz, O Mestre (jato privado alugado para a foto).

III. O dia em que a conta não fechou

A mentoria acabou. O acesso expirou. O retiro virou memória de Instagram. Chegou o momento de aplicar o Mindset de Rei. Mas as faturas não aceitam vibração positiva. Olhaste para o saldo à espera da abundância prometida.

Não viste riqueza. Viste o vazio de quem comprou um mapa para um tesouro que não existe. Uma estante cheia de cursos por terminar.

Um histórico de pagamentos que dói mais que o arrependimento. Uma cabeça cheia de slogans. Mãos vazias de ferramentas.

Tentaste sentir-te iluminado. A ansiedade respondeu em dobro. O ecrã continua a brilhar. O gigante interior continua a dormir.

A conta está no vermelho. A alma também. E aí percebes a armadilha: gastaste o que precisavas para comprar a ilusão do que querias ser. O guru mudou o avatar.

Lançou o Módulo 2. 0. Abriu novas vagas “limitadas”. O mundo chama-lhe aprendizagem contínua. Mas tu sabes a verdade.

É a solidão de perceber que o único a enriquecer foi o mestre. Quando o último vídeo motivacional termina,

leva contigo a esperança de que havia um atalho. Fica o caderno em branco. Fica a dívida no banco.

E fica uma vontade estranha, quase urgente: voltar a acreditar no trabalho duro e no silêncio.

RECLAMAÇÃO N.º 13

Consumismo Disfarçado (O Luxo do Lixo)

I. O manifesto do descartável verde

Ensinarão-te que o consumo era o pecado original. Mas agora o pecado vem em cartão reciclado, com selo de “eco-friendly” que custa o dobro do preço e promete salvar o planeta enquanto pagas por isso no MB WAY.

A tua consciência foi posta à venda no corredor dos orgânicos. Salvar o mundo tornou-se um acessório de moda comprado em três prestações sem juros

e uma story no Instagram para validar. Trocaste o plástico barato pelo luxo do “verde da estação”. “Compra menos, compra melhor!”, dizem os cartazes, enquanto te vendem um saco de juta por 29, 99 €,

uma garrafa de titânio que nunca vais encher e uma escova de bambu que fez mais quilómetros num navio a gasóleo do que tu em toda a tua vida real. Compraste pureza, mas recebeste marketing em HD.

Chamam-lhe minimalismo consciente. Mas é a mesma febre de sempre, só que com cores de terra e hashtags. Onde estragar o planeta é pecado,

mas a fatura digital absolve-te da culpa.

II. Resposta Automática da Global-Eco-Trends™ (não responder)

Estimado Salvador do Ecossistema,

Obrigado por investir na nossa coleção cápsula de “Sobrevivência Sustentável”. Lamentamos que o seu armário esteja a rebentar, mas importa esclarecer: Nós não vendemos ecologia. Vendemos a redenção

do teu cartão de crédito. O teu casaco de poliéster reciclado vai parar ao lixo em seis meses?

Chamamos-lhe circularidade de tendências. O preço da nossa ética é proibitivo?

Chamamos-lhe valorização do artesanato moderno. O nosso modelo é a Auto-Absolvição Comercial: pagas um prémio pela etiqueta “verde” para continuares a viver igual, mas com uma consciência Instagramável.

Não nos peça para parar de produzir. Oferecemos a ilusão de salvar o planeta sem sair do shopping. O teu desejo de parecer consciente

é a nossa maior margem de lucro. Extra tip: se publicares o recibo no Tik Tok com #Eco Hero, oferecemos 10 pontos no Karma Corporativo.

*Com os melhores cumprimentos, O Departamento de Marketing
Regenerativo (Especialistas em consciência pré-paga).*

III. O aterro das boas intenções

O camião do lixo passou. Tu separaste o vidro, o papel e a tua própria hipocrisia. Mas o balde continua cheio

de coisas que nunca precisaste. Chegou o momento de olhar para a sátira da tua despesa: comida em caixas bonitas que prometem ética,

copos de silicone que nunca saem da gaveta, utensílios “sustentáveis” que custaram mais que um jantar no restaurante que recicla apenas hashtags.

Olhaste para o teu rasto de consumo e viste a verdade: estás a tentar mobilar a tua alma com produtos de baixo impacto,

enquanto ignoras que a única coisa sustentável era não teres entrado naquela loja. Mãos que seguram o saco de juta como escudo moral.

O nó na garganta aperta ao perceber que o sistema apenas mudou a cor da tinta. A tua ética agora vem com código de barras

e QR code para stories patrocinadas. O mundo chama-lhe transição verde. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber

que até a tua consciência tem preço. Fica o eco da publicidade inspiradora. Fica o produto orgânico que se estragou no frigorífico.

Fica a vontade urgente de não querer nada, só para nunca mais vermos a nossa preocupação pelo futuro ser transformada em lucro numa folha de Excel da moda ética.

Sentado no meio das tuas compras conscientes,

com a app da Eco-Store aberta

e o cashback em stand-by,

a perceber que o planeta

não precisa que compres “verde”. O planeta só precisava que tu parasses de comprar, mas ninguém faz story disso.

PARTE III

Relações, máscaras e solidão



RECLAMAÇÃO N.º 14

O Catálogo Humano

I. A vitrine infinita

Ensinarão-nos que o amor é um encontro de almas. Esqueceram-se de dizer que, hoje, as almas são filtradas por polegares impacientes e intenções ocultas.

O romance deixou de ser mistério. Passou a ser gestão de inventário. Desliza para a direita: aprovado pela estética. Desliza para a esquerda: descartado pela altura, pelo signo ou pelo cão. Chamam-lhe liberdade de escolha.

Mas é só paralisia por excesso, onde ninguém é suficientemente bom porque o próximo swipe pode trazer alguém só para sexo casual, uma conversa rápida

ou um escape de relações problemáticas. A sedução virou um pitch de vendas de 30 segundos, com fotos estrategicamente editadas e frases de efeito copiadas do Google.

Já não se conquista. Faz-se triagem de perfis e intenções.

II. Resposta Automática da Plataforma (não responder)

Caro Utilizador Solitário n.º 921,

Obrigado por assinares o nosso Plano Premium. Lamentamos que as tuas conversas morram no “Olá, tudo bem?”, mas importa esclarecer:

Nós não vendemos amor. Vendemos a ilusão de companhia instantânea para quem não tem tempo, coragem ou compromisso. Se o algoritmo te mostra sempre

as mesmas pessoas? Chamamos-lhe curadoria de compatibilidade. Se as pessoas desaparecem sem aviso (ghosting)?

Chamamos-lhe dinamismo relacional. O nosso modelo não é unir corações. É manter-te a deslizar o dedo. Porque se tu encontrasses alguém disponível e interessado, apagavas a app e o nosso lucro caía.

Por isso:

- alimentamos o teu ego com notificações vazias
- promovemos a ideia de que há sempre alguém “ao virar da esquina”
- chamamos “conexão” a uma conversa de meia hora

com alguém casado ou emocionalmente indisponível Não nos peças profundidade. Oferecemos um catálogo infinito de rostos descartáveis e intenções duvidosas.

A tua solidão é o nosso modelo de subscrição. Com carinho algorítmico, A Gestão do Tinder/Bumble (gerida por quem usa a app só para fugir à própria vida).

III. O dia em que o match ficou mudo

O match aconteceu. O gelo foi quebrado. O encontro foi marcado. Chegou o momento de sair do ecrã e enfrentar a realidade sem filtros. Mas a química prometida no chat

parece-se muito com um interrogatório de RH. Olhaste para a pessoa à tua frente à espera de magia. Não viste conexão.

Viste alguém a olhar para o telemóvel, à procura de sexo rápido, conversa de distração ou um escape da própria relação problemática. Uma cabeça cheia de “tenho mais três matches à espera”.

Um histórico de primeiros encontros que se lê como entrevistas de emprego falhadas ou sessões de terapia não remuneradas. Um coração que já não sabe arriscar,

vencido pelo cansaço da repetição e da falta de disponibilidade emocional. Mãos que mexem no copo enquanto o silêncio pesa.

Tentaste ser tu próprio. O hábito de representar para a câmara respondeu em dobro. A conta foi paga. O “depois falamos” foi dito.

Tu sabes que não vai haver depois. A alma sente-se vazia, como um scroll infinito. E aí percebes a armadilha:

gastaste a tua vulnerabilidade a tentar caber num perfil otimizado num mundo onde ninguém está realmente presente.

O mundo chama-lhe dating moderno. Mas tu sabes a verdade. É a solidão de perceber que, no mercado do afeto,

tu és apenas um produto para preencher o tédio, o desejo ou a fuga temporária de alguém.

Quando a app é fechada antes de dormir,

leva contigo a saudade

de quando as pessoas se olhavam nos olhos

antes de saberem o apelido uma da outra. Fica o “visto” por responder. Fica a subscrição por cancelar. E fica uma vontade estranha, quase urgente:

apagar tudo e esperar que o destino te atropele na fila do pão.

RECLAMAÇÃO N.º 15

O Paradoxo da Conectividade (A Solidão Digital)

I. O grande nó cego

Ensinarão-te que o mundo agora era uma aldeia global. Mas tu descobriste que a aldeia é um conjunto de búnkeres individuais, onde todos têm fibra ótica,

mas ninguém tem tempo para um café. A tua rede é vasta, os teus contactos contam-se aos milhares, mas o teu ecrã é o único

que te faz companhia nas noites de insónia. Estás ligado a tudo, mas não pertences a nada. Trocaste o calor da voz pelo frio do “visto” em azul. “Estamos juntos!”, escreves tu

para alguém que não vês há três anos. Mas o que vives é uma coreografia de ausências, onde a proximidade é medida por sinal de Wi-Fi e não por batimentos cardíacos.

É a arte de estar numa mesa com cinco pessoas, onde todos olham para baixo, à procura de algo mais interessante

num feed de desconhecidos do que na alma de quem está sentado à frente. Chamam-lhe conectividade total

e o fim das distâncias. Mas parece um deserto de vidro e silício, onde as palavras perderam peso porque são disparadas aos magotes,

e onde o silêncio de uma notificação que não chega soa mais alto do que qualquer grito de socorro.

II. Resposta Automática da Global-Link-Together™ (não responder)

Estimado Utilizador Hiper-Conectado,

Obrigado por manter o seu tráfego de dados ativo. Lamentamos que se sinta profundamente sozinho no meio da nossa rede, mas importa esclarecer: Nós não vendemos companhia. Vendemos a infraestrutura

para a simulares. Se tens mil amigos e ninguém para te ajudar nas mudanças?

Chamamos-lhe otimização de recursos sociais. Se sentes um vazio no peito sempre que largas o telemóvel?

Chamamos-lhe engajamento de alta fidelidade. O nosso modelo de negócio é a Solidão Assistida. Pagas com a tua atenção,

e nós garantimos que nunca estarás “sozinho”, porque haverá sempre um anúncio, um vídeo de gatos ou uma polémica para ocupar o espaço onde deveria estar a tua paz.

Não nos peça ligações humanas. Oferecemos 5G para que possas ser ignorado em alta velocidade.

A tua sede de pertença é o que mantém os nossos servidores a arder.

Com os melhores cumprimentos, O Arquiteto de Solidões (Certificado por 2000 Likes).

III. O eco do Wi-Fi vazio

A bateria chegou ao fim. O brilho morreu e o quarto ficou subitamente escuro — e real. Chegou o momento de olhar

para a sátira da tua vida social: uma galeria de “amigos” que não sabem o teu apelido, um histórico de conversas

que caberiam num postal, uma existência que brilha nos perfis alheios, mas que se apaga quando não há rede para a validar.

Olhaste para a lista de contactos e viste a verdade nua: estás a gritar num estádio cheio de gente de auscultadores postos.

O nó na garganta aperta ao perceber que a tua “ligação” é um contrato de exclusividade com uma máquina, que te dá o mundo inteiro na mão

para te tirar a pessoa ao lado. Mãos que tateiam o cabo de carregamento como quem procura um cordão umbilical. O pânico instala-se ao perceber

que já não sabes estar contigo próprio sem o ruído de fundo de uma opinião alheia. A tua intimidade foi pulverizada em pixéis

num mundo onde o que não é partilhado simplesmente não existe. O mundo chama-lhe a era da comunicação. Tu sabes a verdade:

é a solidão de perceber que o sinal está no máximo, mas o recetor está desligado. Fica o eco do telemóvel

a vibrar numa mesa vazia. Fica a luz azul a iluminar o teu rosto cansado.

Fica a vontade urgente

de bater à porta de alguém,

só para nunca mais vermos a humanidade de um homem

ser reduzida a uma luz de presença

numa folha de Excel da solidão programada.

Sentado na cama, com o carregador na mão,

a perceber que a rede mais importante do mundo

ainda não tem nome, não tem app —

e não se acede através de um ecrã.

RECLAMAÇÃO N.º 16

Amizades de Conveniência

I. O Reencontro Estratégico

Ensinaram-nos que a amizade é um jardim que se rega. Esqueceram-se de dizer que alguns só aparecem com o regador quando a própria terra está seca. O “amigo” deixou de ser presença. Passou a ser recurso de emergência. Seis meses de silêncio absoluto. Mensagens ignoradas. “Likes” inexistentes. Até que surge o sinal: “Olá, sumido! Como estás? Olha, desculpa lá incomodar, mas...”

Chamam-lhe manter contacto. Mas é só uma sondagem de mercado para ver se o teu talento, desconto ou cunha ainda estão disponíveis para entrega imediata. A amizade virou agência de serviços gratuita, com pagamento em simpatia de plástico.

II. Resposta Automática do Aproveitador (não responder)

Olá, Peça Fundamental do meu Networking! Obrigado por ainda teres o meu número gravado. Lamentamos que te sintas “usado”, mas importa esclarecer: Nós não vendemos afeto. Vendemos a simulação de proximidade por necessidade.

Se não respondi ao teu “estás bem?” em outubro? Chamamos-lhe gestão de prioridades. Se te ligo agora porque preciso de um favor para ontem? Chamamos-lhe confiança mútua. O nosso modelo não é construir laços. É gerir um inventário de favores. Porque se eu tivesse de ser um amigo presente, não teria tempo para a minha própria vida.

Por isso:

- mantemos-te no “banco de suplentes” até o computador avariar
- usamos o teu nome como ponte para o que não conseguimos sozinhos
- chamamos “irmão” a quem apenas vemos como solução barata

Não nos peça reciprocidade. Oferecemos um café rápido (que tu vais pagar) enquanto explico o meu problema. A tua utilidade é a nossa margem de manobra. Com “muitas saudades”, O Amigo de Ocasão (gerido por quem só te vê como contacto no LinkedIn)

III. O Dia em Que o Favor Foi Entregue

O problema resolveu-se. O favor foi feito. A mensagem de agradecimento foi curta. Chegou o momento de voltar ao modo fantasma. Mas o “obrigado” que recebeste parece-se muito com um ponto final.

Olhaste para a conversa à espera de continuidade real. Não viste interesse. Viste o regresso ao silêncio de quem já obteve o que queria. Uma cabeça cheia de “fui ingénuo outra vez”. Um histórico de conversas que só têm um sentido. Um afeto real trocado por uma transação disfarçada. Mãos que hesitam antes de responder à próxima “saudade” repentina.

Tentaste acreditar na ligação. A frieza do vácuo digital respondeu em dobro. O ecrã continua desligado. O “amigo” desapareceu com a solução no bolso. A alma sente-se usada. E aí percebes a armadilha: gastaste o teu tempo a regar um jardim de plástico.

O mundo chama-lhe “saber mover-se”. Mas tu sabes a verdade. É a solidão de perceber que, para alguns, tu não és uma pessoa. És um atalho. Quando o último favor é consumido, leva contigo a lição de que o silêncio diz mais que a conversa.

Fica o “taxímetro da amizade” a zero. Fica a porta fechada para o interesse. E fica uma vontade estranha, quase urgente: guardar o teu melhor para quem te procura quando não precisa de nada.

RECLAMAÇÃO N.º 17

A Ditadura da Reação

I. O Campo Minado

Ensinarão-nos que falar é um risco calculado. A liberdade de expressão virou um manual escrito por quem nunca saiu de casa. Verdade? Secundária. Clareza? Perigosa. Humor? Um pedido formal de execução pública. Se dizes o que pensas, és agressivo. Se dizes o que vês, és preconceituoso. Se não dizes nada, és cúmplice. Chamam-lhe consciência social. Mas é só policiamento gramatical

onde a intenção não conta e uma palavra mal escolhida vale prisão perpétua digital. Espontaneidade morreu. Tudo é ensaiado, filtrado, higienizado, até a conversa soar a contrato de adesão emocional. Falar deixou de ser diálogo. Passou a ser um teste

onde ninguém te explica as regras e a reprovação é pública.

II. Resposta Automática do Tribunal Digital (não responder)

Caro Utilizador Inconveniente,

Obrigado por te manifestares. Informamos que a tua opinião foi considerada ofensiva. Não analisamos o que disseste. Analisamos como isso fez alguém sentir-se. E se alguém se sentiu mal, tu estás errado.

Não vendemos debate de ideias. Vendemos conforto emocional em formato de câmara de eco. Se a piada era inteligente? Chamamos-lhe micro agressão. Se a frontalidade era necessária? Chamamos-lhe discurso de ódio. O nosso modelo não é procurar a verdade. É produzir indignação em massa.

Porque se as pessoas aprendessem a ignorar o que não gostam, o algoritmo perdia força.

Por isso:

- patrocinamos patrulhas que caçam erros de há dez anos
- atualizamos manuais morais todas as terças-feiras
- chamamos “segurança” à proibição de pensar alto

Não nos peças diálogo. Oferecemos cancelamento. A tua liberdade termina onde começa o melindre de quem grita mais. Com indignação permanente, O Sistema de Vigilância Moral (gerido por quem tem o teto de vidro mais fino do mundo)

III. O Dia em Que o Silêncio Venceu

A conversa parou. O palco ficou vazio. A publicação desapareceu. Chegou o momento de viver no chamado Lugar Seguro. Mas a segurança parece-se muito com o vazio. Olhaste para a conversa à espera de ligação.

Não viste honestidade. Viste medo. Uma cabeça cheia de palavras proibidas. Um histórico de desculpas por coisas que nem sentiste. Uma gargalhada abortada antes de nascer.

Mãos suspensas sobre o teclado, a pensar: “Vale a pena?” Tentaste ser autêntico. O receio de ser interpretado respondeu em dobro. O ecrã continua a brilhar. Mas ninguém diz nada. O debate morreu. O ofendidinho venceu. E continua insatisfeito.

E aí percebes a armadilha: gastaste a tua voz para comprar a paz de quem nunca te vai perdoar. O mundo chama-lhe evolução. Mas tu sabes a verdade.

É a solidão de viver num mundo onde todos concordam por medo. Quando a última opinião sincera é engolida, vai com ela a esperança de ainda podermos ser humanos. Fica a cortesia de plástico. Fica a mordada invisível.

E fica uma vontade estranha, quase rebelde: voltar a ser inconveniente e rir de tudo o que não é importante.

PARTE IV

Identidade, exaustão e confusão



RECLAMAÇÃO N.º 18

O Motor Fundido (Burnout)

I. A Glória do Esgotamento

Ensinararam-te que o trabalho dignifica o homem. Mas descobriste que o excesso apenas o desintegra, transformando a tua ambição numa pira onde ardes em lume brando. Acordas com o cérebro em modo de sobrevivência, a contar os minutos para o fim de um dia que ainda não começou, com o café a servir de combustível para uma máquina que já não quer andar. Trocaste o brilho nos olhos pelo brilho azul do ecrã às duas da manhã. “Veste a camisola!”, dizem eles, enquanto a tua pele se funde com o tecido.

O que vives é uma maratona para um destino que se afasta, onde ser o primeiro a chegar e o último a sair é medalha de honra, mesmo que por dentro sejas apenas um deserto de ideias e um arquivo corrompido de prazos impossíveis. Chamam-lhe resiliência e dedicação extrema. Mas parece um suicídio social assistido por notificações, onde a tua saúde é o preço de um bónus que não paga terapia, e o teu valor como ser humano é reduzido à tua última entrega.

II. Resposta Automática da Direção de Capital Humano (não responder)

Estimado Colaborador em Sobreaquecimento,

Obrigado por dedicar 110% da sua essência ao nosso KPI trimestral. Lamentamos que o seu sistema nervoso tenha entrado em curto-circuito, mas importa esclarecer: Nós não causamos o seu cansaço. Apenas otimizamos o seu potencial. Se sente que o coração acelera ao som do Outlook? Chamamos-lhe entusiasmo proativo. Se não consegue dormir a pensar na folha de cálculo? Oferecemos um voucher para uma app de meditação (plano básico).

O nosso modelo é a Extração de Vitalidade Recorrente: pagas com o teu sono, com o teu tempo e com os teus domingos, e nós oferecemos frutas frescas na copa às quartas-feiras para compensar a alma que deixaste na secretária. Não nos peça para abrandar. Oferecemos workshops de Mindfulness no Caos. A tua incapacidade de desligar é o nosso melhor KPI.

Com os melhores cumprimentos, A Administração (Sempre Atenta ao Teu Rendimento)

III. O Dia em Que o Curto-Circuito Foi Final

O computador bloqueou. Tu também. A luz do escritório transformou-se num interrogatório sem fim. Chegou o momento de olhar para a sátira da tua produtividade: férias passadas a responder a e-mails urgentes, jantares em família onde só o corpo estava presente, uma vida construída sobre a ilusão de que eras indispensável — até ao dia em que a lâmpada fundiu e ninguém trouxe uma nova.

Olhaste para a agenda e viste a verdade nua: corrias numa roda de hamster banhada a ouro, tentando chegar a um lugar que não existe, com medo de parar e perceber que o mundo não acaba se respirares. Mãos que tremem ao segurar a caneca vazia. O nó na garganta aperta ao perceber que o sistema não para para te curar. A tua “dedicação” foi apenas um empréstimo de saúde com juros que agora não consegues pagar.

O mundo chama-lhe sucesso e alta performance. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que o motor fundiu e que não há peças de substituição para quem se esqueceu de ser gente. Fica o eco do toque do Teams. Fica a lista de tarefas que ficou por fazer. Fica a vontade urgente de fugir para onde o Wi-Fi não chega, só para nunca mais vermos o colapso de uma vida ser tratado como nota de rodapé numa folha de Excel da produtividade tóxica.

Sentado no carro no parque, a olhar para o vazio, com o motor ligado mas sem forças para engatar a mudança, a perceber que a única coisa que realmente produziste foi um cansaço que nem o próximo fim de semana consegue curar.

RECLAMAÇÃO N.º 19

A Ditadura da Melhor Versão (Otimismo Tóxico)

I. O Projeto de Ser Humano

Ensinar-te que a vida é uma oportunidade única. Mas tu descobriste que a vida é um emprego a tempo inteiro onde o patrão és tu e o chicote é a “tua melhor versão”. Acordar tornou-se uma operação logística de alta performance, onde a paz é sacrificada no altar do rendimento. E a paranoia transbordou para o quarto ao lado. Hoje, os filhos não são crianças; são protótipos de celebridades.

Pressionados a ser génios antes de saberem apertar os sapatos, com o dia fatiado entre o mandarim, o ténis e o curso de “liderança kids”, porque os pais têm medo que eles sejam apenas... normais. Chamam-lhe crescimento pessoal e mindset de sucesso. Mas parece uma linha de montagem de clones motivados, onde a infância foi trocada por um plano de carreira e o brincar foi substituído pela construção de uma marca pessoal precoce.

II. Resposta Automática do Departamento de Alta Performance (não responder)

Estimado Ativo em Desenvolvimento,

Obrigado por tentar otimizar a sua linhagem connosco. Lamentamos que o seu filho prefira ver formigas no chão a estudar macroeconomia, mas importa esclarecer: Nós não vendemos infância. Vendemos a garantia de que o seu filho não será “ultrapassado” pelo algoritmo. Se ele está cansado e quer apenas dormir? Chamamos-lhe falta de resiliência e baixa tolerância à frustração.

Se sente que a sua vida é uma maratona sem fim? Chamamos-lhe “preparação para o mercado global”. O nosso modelo de negócio é a

Ansiedade Geracional. Quanto mais cedo transformarmos o seu filho numa pequena estrela produtiva, mais tempo ele terá para ser um adulto funcionalmente esgotado. Não nos peça para o deixar ser criança.

Oferecemos o desespero de quem quer ser o primeiro em tudo. A fadiga da sua família é o nosso melhor KPI de mercado.

Com os melhores cumprimentos, A Direção de Potencial Infinito

III. O Dia em Que o Sensor Falhou

O despertador tocou. O plano de estudo estava em cima da secretária. Mas o brilho nos olhos da criança tinha-se apagado, substituído pela seriedade cinzenta de quem já carrega o mundo nas costas. Chegou o momento de olhar para o rasto de “evolução” que deixaste: diários de gratidão preenchidos por obrigação, hobbies que viraram obrigações e talentos que viraram metas, enquanto a vida real passava lá fora sem tempo para um joelho esfolado ou para um tédio criativo.

Olhaste para o espelho e para o teu reflexo no teu filho: dois seres funcionais, otimizados e profundamente tristes, que sabem tudo sobre metas e algoritmos, mas que já não sabem rir de um erro sem pensar no impacto que isso terá no “currículo” da vida. Mãos que largam o cronómetro e o plano de atividades. O nó na garganta aperta ao perceber que a tua “melhor versão” é uma fraude que rouba o presente, e que a fama que desejas para ele é apenas a tua própria frustração disfarçada de investimento no futuro.

O mundo chama-lhe mérito e excelência. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que te tornaste o capataz da tua própria alegria. Fica o eco da frase motivacional. Fica o curso de mandarim que ninguém queria fazer. Fica a vontade urgente de ser imperfeito, desarrumado e lento, só para nunca mais vermos a alma de uma criança ser tratada como um investimento numa folha de Excel da vaidade parental.

Sentado no chão do quarto, a ver os brinquedos esquecidos, com o plano de vida no lixo e o silêncio finalmente em paz, a perceber que a melhor versão

de qualquer um é aquela que finalmente se deu autorização para ser apenas humano.

RECLAMAÇÃO N.º 20

A Paralisia da Escolha (A Prisão do “E Se?”)

I. O Labirinto do Infinito

Ensinarão-te que liberdade é ter opções. Mas tu descobriste que ter todas as opções é a maior das prisões. Ficas parado no corredor do supermercado, com 40 marcas de cereais a gritar pelo teu olhar, perdido numa matemática de benefícios que ninguém pediu. A vida tornou-se um menu infinito onde o tempo de escolher é maior do que o tempo de saborear. Trocaste a decisão firme pela dúvida crónica.

“Vê o catálogo!”, dizem eles com um sorriso de catálogo. Mas o que vês é um deserto de possibilidades, onde o medo de escolher o “errado” te rouba o “certo”. É a tortura de passar duas horas a fazer scroll na Netflix para acabares a ver, pela décima vez, aquele episódio que já sabes de cor, só para não teres de enfrentar o peso do desconhecido.

Chamam-lhe abundância e poder do consumidor. Mas parece um curto-circuito na alma, onde a vontade morre de cansaço perante o excesso, e o simples ato de querer algo se dissolve num mar de comparações irrelevantes.

II. Resposta Automática da Central de Opções Ilimitadas (não responder)

Estimado Cliente Indeciso,

Obrigado por gastar a sua vida a comparar as nossas ofertas. Lamentamos que sintas uma angústia existencial perante o nosso inventário, mas importa esclarecer: Nós não vendemos satisfação. Vendemos a ilusão da perfeição alternativa. Se não consegues escolher o teu próximo destino de férias? Chamamos-lhe liberdade de exploração sem limites.

Se o seu relacionamento terminou porque achou que havia “algo melhor” a um swipe de distância? Chamamos-lhe otimização do mercado afetivo. O nosso modelo de negócio é a Insatisfação Permanente. Quanto mais opções te dermos, menos feliz ficarás com a que escolheres, porque o fantasma das outras 999 que deixaste para trás vai assombrar cada momento do teu presente. Não nos peça para simplificar.

Oferecemos o labirinto onde tu és o Minotauro e o fio de Ariadne. A tua indecisão é o que mantém o nosso sistema de filtros a faturar.

Com os melhores cumprimentos, O Diretor de Algoritmos de Hesitação e Dúvida

III. O Peso do que Ficou por Escolher

O ecrã bloqueou por inatividade. A luz da sala parece mais fria agora que o catálogo sumiu. Ficaste ali, com o comando na mão, a ver o teu próprio reflexo no vidro preto. Chegou o momento de olhar para a sátira do teu livre-arbítrio: uma vida feita de janelas abertas que nunca deixam entrar ar, de desejos que nunca se tornam atos porque a próxima atualização pode trazer algo “ainda mais incrível”.

Ficou apenas a sensação de que és um colecionador de inícios, um eterno passageiro na sala de espera do “ideal”. Olhaste para as tuas mãos e viste a verdade nua: estás a trocar a profundidade de um caminho pela largura de mil atalhos que não levam a lado nenhum. O nó na garganta aperta ao perceber que a tua liberdade foi sequestrada por quem te convenceu que escolher uma coisa é perder todas as outras.

Mãos que largam o comando, exaustas de não decidir. O silêncio instala-se ao perceber que a vida acontece no limite, e que quem quer tudo, acaba por não ter nada. A tua autonomia foi reduzida a um teste de paciência num mundo onde o excesso é a forma mais refinada de censura. O mundo chama-lhe progresso e variedade. Tu sabes a verdade: é a solidão de estar à frente de um banquete e morrer de fome porque não sabes por onde começar.

Fica o eco do “mais tarde eu vejo”. Fica o carrinho de compras virtual cheio de nada. Fica a vontade urgente de só ter uma opção, só para nunca mais vermos a vontade de um homem ser asfixiada por um milhão de possibilidades numa folha de Excel da indecisão programada. Sentado no sofá, com o comando no chão e a mente no vazio, a perceber que a melhor escolha que podes fazer hoje é aceitar que a perfeição é a maior mentira que te venderam.

RECLAMAÇÃO N.º 21

A Vida em Prestações (Subscrições)

I. O Aluguer da Existência

Ensinarão-te que ter era o objetivo. Mas tu acordaste num mundo onde nada é teu. O filme que vês, a música que ouves, o livro que lês: são apenas permissões temporárias, bits emprestados que evaporam se o cartão de crédito expirar. Trocaste a estante cheia de discos e poeira por um catálogo infinito de nada. “Tens tudo ao teu alcance!”, dizem eles. Mas o que tens é uma coleção de faturas mensais, um débito direto que sangra a tua conta em silêncio pela promessa de um acesso que nunca termina.

Chamam-lhe conveniência e liberdade. Mas parece um contrato de fidelidade com o vazio, onde pagas para não ter anúncios, pagas para ver em HD, e acabas a pagar para ter o direito de não ser interrompido pela própria ganância que subscreves.

II. Resposta Automática da Global-Stream™ (não responder)

Prezado Utilizador do Plano Básico, Obrigado por ignorar os nossos termos e condições. Lamentamos que sintas que o preço subiu outra vez, mas importa esclarecer: Nós não vendemos propriedade. Vendemos o direito de te sentires dono do mundo durante 30 dias.

Se o teu filme favorito desapareceu do catálogo? Chamamos-lhe renovação estratégica de licenças. Se cobramos uma taxa extra para partilhares a senha com a tua mãe? Chamamos-lhe proteção do valor da comunidade. O nosso modelo de negócio é Dependência por Inércia: pagas tanto por tantas coisas que já nem sabes o que usas, mas tens medo de cancelar e perder o acesso ao “nada” que acumulaste.

Não nos peças para seres dono do que compraste. Oferecemos a ilusão de escolha infinita. A tua conta bancária, fatiada em 9, 99€, é o nosso melhor indicador de fidelidade forçada.

*Com os melhores cumprimentos, O Departamento de Cobrança
Recorrente (a verdadeira estrela do streaming)*

III. O Dia em Que o Ecrã Ficou Negro

O mês virou. O pagamento falhou por um cêntimo. A biblioteca que construístes em anos de cliques desapareceu num piscar de olhos digital. Chegou o momento de perceber que és um sem-abrigo digital. Não tens um disco para tocar, não tens um filme para guardar.

Só tens o direito de voltar a pagar se quiseres continuar a existir na memória daquela aplicação. Olhaste para o extrato bancário e viste a sátira do consumo: trinta subscrições para preencher um tempo que não tens, enquanto trabalhas para pagar o acesso a entretenimento que usas para esquecer que estás cansado de trabalhar. Mãos que percorrem o menu infinito sem escolher nada.

O nó na garganta aperta ao perceber que a tua vida está em “pausa” até ao próximo ciclo de faturação. A sensação de que a tua identidade é um puzzle de logótipos que te cobram o aluguer da tua própria cultura. O mundo chama-lhe economia da partilha. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que, no fim da linha, não deixas nada para trás a não ser uma lista de contas canceladas.

Fica o eco do logótipo a carregar. Fica o aviso de “assinatura expirada” no ecrã. Fica a vontade urgente de voltar a tocar em algo que seja teu, só para nunca mais vermos o património de uma vida reduzido a uma rubrica numa folha de Excel da subscrição infinita. Sentado no sofá a olhar para o aviso de erro, com o comando na mão e o vazio no bolso, a perceber que até para sonhar agora precisas de ter o cartão de crédito em dia.

RECLAMAÇÃO N.º 22

Má Educação (A Etiqueta do Umbigo)

I. O Império do “Eu Primeiro”

Ensinar-te que a liberdade termina onde começa a do outro. Mas tu descobriste que, na era do eu, a liberdade é um trator que passa por cima de qualquer regra de convivência. O espaço público tornou-se a extensão da tua sala: falas aos gritos no comboio, ouves vídeos sem auscultadores e achas que o mundo deve ser a banda sonora da tua existência. Trocaste a cortesia básica pelo “direito a ser eu próprio”. “Não gostas, olha para o lado!”, dizem os novos donos da rua.

Mas o que estás a vender é uma arrogância plastificada, um deserto de modos onde o “por favor” é uma palavra arcaica e o “bom dia” é um esforço sobre-humano para quem só olha para o ecrã. É a arte de estar acompanhado, sendo o mais profundo estranho. Chamam-lhe autenticidade e descontração moderna. Mas parece uma epidemia de cegueira social, onde o civismo é visto como uma fraqueza de gente antiga e a falta de noção é o passaporte para o topo de uma pirâmide feita de má educação.

“Desculpe, poderia ceder-me o lugar?” Resposta automática: olhar para o lado e ignorar.

II. Resposta Automática da Direção de Normas de Conduta (Versão 0. 0) (não responder)

Estimado Cidadão Inconveniente,

Obrigado por ignorar a existência de quem o rodeia. Lamentamos que o seu telemóvel não tenha volume suficiente para incomodar toda a freguesia, mas importa esclarecer: Nós não vendemos civismo. Vendemos a audácia de

seres o centro do universo. Se o seu lixo ficou no banco do jardim? Chamamos-lhe intervenção artística e desapego material.

Se o seu cão fez do passeio o seu escritório e o senhor “não viu”? Chamamos-lhe integração orgânica com a natureza urbana. O nosso modelo de negócio é a Invisibilidade do Outro: pagas com o respeito que não dás, e nós garantimos que nunca serás confrontado, porque a maioria das pessoas tem demasiado medo de discutir com alguém sem vergonha. Não nos peça para termos boas maneiras.

Oferecemos a gratificação instantânea de fazer o que lhe apetece. A sua falta de filtros é o nosso melhor lubrificante social para o caos.

Com os melhores cumprimentos, O Gabinete de Justificação da Má Criação

III. O Silêncio Que Ninguém Pediu

A porta do elevador fechou-se. Tu entraste, mas o teu “bom dia” morreu antes de sair da boca. Do outro lado, um par de auscultadores e um olhar vazio no telemóvel. Chegou o momento de olhar para a sátira da nossa “civilização”:

cidades cheias de gente, mas vazias de comunidade, onde as pessoas se cruzam como fantasmas em alta resolução, evitando o contacto visual como se a humanidade fosse um vírus que se transmite através de um sorriso inesperado. Olhaste para a rua e viste a verdade nua: estamos a construir búnkeres de egoísmo em plena luz do dia, onde a etiqueta foi substituída pelo “quem grita mais, ganha”, e onde pedir licença é visto como uma derrota humilhante na batalha pela ocupação do espaço.

Mãos que não seguram a porta para quem vem atrás. O nó na garganta aperta ao perceber que a gentileza foi colocada no caixote do lixo da modernidade. A tua convivência foi reduzida a um choque de ombros num mundo onde pedir desculpa é um erro de sistema. O mundo chama-lhe liberdade e novos tempos. Tu sabes a verdade:

é a solidão de perceber que estamos rodeados de gente, mas cada vez mais sozinhos no nosso próprio umbigo. Fica o eco do vídeo alto no restaurante. Fica o silêncio desconfortável no corredor. Fica a vontade urgente de voltar a ser educado, só para nunca mais vermos o respeito pelo próximo ser tratado como um item obsoleto numa folha de Excel da decadência social.

Sentado no autocarro, a ouvir a conversa alheia em viva-voz, a perceber que a maior distância entre duas pessoas não são os quilómetros, é a falta de um simples “com licença”.

RECLAMAÇÃO N.º 23

O Manual Infinito do Falar Certo

I. A Burocracia da Conversa

Ensinararam-nos que respeito é atenção ao outro. Mas tu descobriste que, em alguns espaços, a conversa deixou de ser conversa. Passou a ser exame oral, com atualização semanal e penalização imediata. A intenção já não chega. A escuta já não chega. Até a boa fé precisa de manual. O problema não é aprender a tratar melhor as pessoas. O problema é quando a linguagem se transforma numa repartição: senha na mão, medo no peito, formulário invisível antes de cada frase.

II. Resposta Automática do Comité da Palavra Certa (não responder)

Caro Falante em Processo de Atualização,

Obrigado por tentar comunicar sem causar danos irreversíveis ao universo. Lamentamos que a sua dúvida pareça humana, mas importa esclarecer: Nós não vendemos entendimento. Vendemos conformidade ansiosa. Se hesita antes de falar? Chamamos-lhe consciência em falta.

Se pergunta para aprender? Chamamos-lhe atraso cultural. Se se engana numa palavra, mesmo sem maldade? Chamamos-lhe material para julgamento público. O nosso modelo não é aproximar pessoas. É criar distância com vocabulário técnico. Não nos peça paciência. Oferecemos correção imediata, tom superior e uma lista de leituras que muda antes de chegar à página três.

Com vigilância cordial, A Administração da Linguagem Impecável.

III. O Dia em que o Café Arrefeceu

Sentado à mesa, tentaste falar com cuidado. Querias ouvir. Querias compreender. Querias acertar. Mas cada frase parecia atravessar um campo minado. O café arrefeceu enquanto procuravas a palavra perfeita.

E aí percebeste a ironia: quando o medo de errar se torna maior do que a vontade de conversar, ninguém aprende nada. Apenas se cala melhor. O mundo chama-lhe evolução da linguagem. Tu sabes a verdade: o respeito sem humanidade vira protocolo. Fica a vontade simples de voltar a uma conversa onde se possa perguntar, corrigir, ouvir e continuar sentado à mesma mesa.

RECLAMAÇÃO N.º 24

O Espelho da Repetição (A Criatividade em Férias)

I. O Ciclo Infinito de Sequências

Ensinarão-te que o entretenimento é um espaço de sonho e inovação. Mas tu descobriste que é, na verdade, uma fábrica de déjà-vu. Filmes prometem mundos novos, mas são apenas remakes e sequências recicladas até à exaustão. Séries que nascem originais tornam-se fórmulas matemáticas: a primeira temporada é a isca, a segunda é a repetição e a terceira é a reciclagem descarada de quem já só quer manter o subscritor a pagar.

A música seguiu o mesmo caminho de morte. O que domina os teus ouvidos são hits de 15 segundos feitos para o Tik Tok, compostos para durarem semanas e não anos. Letras genéricas, batidas clonadas e fórmulas que “batem” no algoritmo mas não vibram no peito. A criatividade não morreu, foi posta em prisão domiciliária:

substituída por tendências e gráficos que ditam o que “deve” agradar. Trocaste a surpresa pela familiaridade calculada.

II. Resposta Automática do Conselho de Originalidade Limitada (não responder)

Estimado Consumidor de Narrativas e Ritmos,

Obrigado por alertar para a escassez de inovação. Lamentamos que sintas que as histórias e melodias se repetem, mas importa esclarecer: Nós não vendemos originalidade. Vendemos conforto e previsibilidade de mercado. Se queres surpresas ou melodias memoráveis? Chamamos-lhe risco financeiro desnecessário.

Se procuras letras que te façam pensar? Chamamos-lhe investimento de baixo retorno. O nosso modelo é a Reciclagem Lucrativa: fórmulas

conhecidas garantem streams e likes. O teu tédio é apenas um efeito secundário que os nossos anunciantes ignoram com estilo.

*Com os melhores cumprimentos, O Diretor de Entretenimento Reciclado
e Lucro Garantido*

III. O Eco da Tela e dos Fones de Ouvido

Sentas-te no sofá, com o telemóvel na mão e os auscultadores postos. Filmes, séries, músicas — tudo parece um eco de algo que já conheces. O nó na garganta aperta ao perceber que a originalidade está em quarentena, substituída pelo que é seguro, previsível e rápido de digerir.

Olhas para os créditos finais e para as playlists virais e vês a verdade nua: a inovação foi sacrificada no altar da viralidade efémera. A indústria chama-lhe “nostalgia” e “tendência”, enquanto tu sentes o vazio de quem queria explorar o desconhecido e encontrou apenas um espelho partido que reflete o passado.

Fica o eco do “continua na próxima temporada”. Fica o hit de plástico que todos esquecerão amanhã. Fica a vontade urgente de desligar tudo, só para nunca mais vermos a mente de um homem ser anestesiada por fórmulas repetidas numa folha de Excel da falta de imaginação.

Sentado no escuro, a perceber que a verdadeira criatividade ainda existe... mas está escondida, a resistir em silêncio atrás do muro do lucro e do medo.

PARTE V

Memória, medo e fim de linha



RECLAMAÇÃO N.º 25

A Memória Curta (Expatriado vs. Imigrante)

I. O Dicionário do Privilégio

Ensinarão-nos que as palavras são neutras. Mas tu sabes que elas têm cor, classe e conta bancária. Se vens com o computador na mochila e pele clara, és um Expatriado — um explorador de luxo, um nómada digital. Se vens com o calo nas mãos e o medo no peito, és um Imigrante —

um “peso”, um “problema”, uma invasão. O primeiro “valoriza” o bairro ao triplicar as rendas. O segundo “sobrecarrega” a rua ao partilhar um quarto com dez. Chamam-lhe estilo de vida quando o dinheiro vem de fora. Chamam-lhe ameaça quando o trabalho é feito cá dentro. É a mesma viagem. O mesmo céu. A mesma cidade.

Mas um tem tapete vermelho. O outro tem o olhar de lado.

II. Resposta Automática da Agência de Vistos Dourados (não responder)

Estimado Convidado Premium,

Obrigado por inflacionar o nosso mercado imobiliário. Lamentamos que os nacionais não consigam competir, mas importa esclarecer: Nós não queremos a sua integração. Queremos o seu capital. Pode ignorar a nossa língua; chamamos-lhe “vibe internacional”.

Pode expulsar famílias inteiras com a sua oferta imbatível; chamamos-lhe “dinamismo do mercado livre”. Mas quanto àquele que vem do Sul?

A esse chamamos ladrão de postos de trabalho. Dizemos que vem “roubar” apoios que nunca teve e “rebentar” com um sistema de saúde que ele próprio

sustenta. O nosso modelo de negócio é a amnésia seletiva: o estrangeiro que consome é um visionário, o estrangeiro que serve é um suspeito.

O seu privilégio é o nosso melhor produto de exportação.

*Com os melhores cumprimentos, O Departamento de Segregação
Urbana*

III. O Espelho no Balcão do SEF

A fila dividiu-se em duas. O passaporte decide quem és antes de abrires a boca. A uns perguntam: “Gosta da nossa gastronomia?” A outros perguntam: “O que é que veio para aqui roubar?”

Olhaste para a cidade e viste o teatro do absurdo. O nacional que não consegue pagar um T0 na própria terra, esmagado por quem ganha em dólares e gasta em “gentrificação”, enquanto culpa o imigrante pelo estado do hospital. Uma memória curta que esquece de onde vem a mão de obra. Dizem que o imigrante sobrecarrega o sistema, mas esquecem-se de quem limpa os quartos dos hotéis, de quem entrega pizzas à chuva, de quem cuida dos nossos velhos.

Uma cabeça cheia de preconceitos alimentados a medo. Um sistema que estende o braço ao investidor de sofá e fecha a porta a quem traz a força de que o país precisa. O coração sente a náusea da injustiça a subir. Mãos que seguram o café de 5 euros para postar no Instagram.

Mãos que seguram a enxada ou a bandeja por um salário mínimo. O mundo chama-lhe progresso e competitividade. Tu sabes a verdade: é a solidão de ver a dignidade fatiada por classes. Fica o eco da revolta.

Fica a cidade que já não pertence a quem nela nasceu. Fica a vontade urgente de que o mundo pare de medir homens pelo que trazem na carteira, só para nunca termos de ver o direito a existir escrito numa folha de Excel da crueldade social. Sentado no banco do aeroporto, a ver as duas filas,

enquanto o Expat recebe um guia de boas-vindas e o Imigrante recebe uma guia de marcha para a invisibilidade.

RECLAMAÇÃO N.º 26

A Ilusão da Segurança

I. A Fortaleza de Vidro

Ensinararam-nos que viver em liberdade é o valor supremo da nossa era. Mas tu olhas à volta e vês um mundo cercado por arame farpado invisível. Grades nas janelas, códigos nas portas, sensores que reconhecem a tua sombra antes de reconhecerem o teu rosto. Sensores que identificam movimento, calor, ruído — mas não reconhecem uma mentira bem escrita. Trocámos a confiança no vizinho por uma subscrição mensal de alarmes e câmaras em HD.

A paz passou a vir com manual de instruções, app dedicada e atualizações semanais. O medo tornou-se o lubrificante perfeito para nos venderem muros cada vez mais altos. Apontam o dedo ao que vem de fora, ao sotaque diferente, dizem que a insegurança tem rosto de imigrante, enquanto ignoram o perigo que já dorme dentro de casa.

Chamam-lhe prevenção. Mas muitas vezes parece uma prisão por vontade própria, onde quem vive com medo de morrer acaba por se esquecer de viver.

II. Resposta Automática da Central de Vigilância (não responder)

Estimado Residente em Pânico,

Obrigado por instalar o nosso Kit de Sobrevivência Urbana™ disponível em pacotes escalonados consoante o seu nível de paranoia. Lamentamos que o mundo lhe pareça hostil, mas importa esclarecer: não vendemos segurança real. Vendemos a estética da invulnerabilidade. Enquanto vigia a porta da rua pelo telemóvel (bateria a 12%, ansiedade a 98%),

nós deixamos entrar o scam pela caixa de mensagens e a ameaça digital pelos olhos dos seus filhos. Se a polícia, que deveria ser escudo, se torna braço que agride e violenta o preso? Chamamos-lhe manutenção da ordem. Se as redes

sociais devoram a inocência das crianças no quarto ao lado? Chamamos-lhe progresso tecnológico inevitável. O nosso modelo de negócio não é prender o culpado.

É gerir a sua ansiedade através de notificações push, relatórios semanais e um piscar de luz vermelha que diz “tudo sob controlo”. O seu medo de perder o que acumulou é o nosso melhor produto renovável.

Com os melhores cumprimentos, A Direção da Ordem (Control Edition – porque confiar é coisa do passado)

III. O Dia em Que o Sensor Falhou

O alarme foi ligado. A aplicação enviou o sinal de “tudo em ordem”. Mas a paz prometida pela tecnologia parece-se muito com uma solidão vigiada. Olhaste para a rua através da lente grande angular. Não viste uma comunidade. Viste o teatro do absurdo:

a desconfiança de quem passa, o medo do “outro”, enquanto o verdadeiro golpe chega por um SMS de origem desconhecida. Uma cabeça cheia de cenários de assalto. Um histórico de passwords que mudas todas as semanas. Um sistema que te convence que o perigo é o vizinho, mas nada faz pelas crianças perdidas no algoritmo

ou por quem sente o peso da bota de quem deveria proteger. Mãos que verificam o trinco pela terceira vez. O nó na garganta aperta ao perceber que estás mais vigiado do que nunca — e mesmo assim mais vulnerável do que os teus avós com a porta aberta e a chave no vaso.

O mundo chama-lhe proteção e modernidade. Tu sabes a verdade: é a solidão de perceber que o teu bunker de luxo não te protege do ódio, da farda que cega ou da rede que vicia. Fica o eco da sirene que ninguém ouve. Fica a luz vermelha a piscar no teto. Fica a vontade urgente de que a segurança volte a ser sobre pessoas,

só para nunca mais vermos a liberdade ser trocada por um registo de eventos numa folha de Excel da paranoia. Sentado no sofá, a olhar para o monitor de

segurança, com a casa trancada e o peito aberto, a ver o mundo passar lá fora como um filme de terror — onde o perigo real já não está na rua, está sentado contigo, em HD, no ecrã.

RECLAMAÇÃO N.º 27

O Depósito da Memória

I. O Prazo de Validade Social

Ensinarão-nos que a vida é uma corrida curta. Cem metros. Cronómetro ligado. Mas ninguém explicou o que acontece a quem chega à meta e continua a respirar. A velhice deixou de ser o tempo da sabedoria. Virou o tempo da obsolescência. Se já não produces, és ruído. Se já não consomes, és peso.

Se precisas de tempo, és atraso na agenda de quem tem pressa. Chamam-lhe descanso merecido. Mas é só estacionamento humano, onde o silêncio é preenchido com televisão alta e comprimidos que ajudam a esquecer que o telefone não toca. A experiência virou peça de museu. A história pessoal, um disco riscado. Já não se honra o caminho. Espera-se apenas que o caminho termine sem fazer muito barulho.

II. Resposta Automática da Residência Sénior (não responder)

Estimado Familiar Responsável,

Obrigado por confiar no nosso Centro de Bem-Estar Platinum. Lamentamos que o utente manifeste sentimentos de esquecimento, mas importa esclarecer: não vendemos afeto. Vendemos a higienização do abandono. Se o quarto parece frio? Chamamos-lhe padrão clínico de excelência.

Se as visitas são raras? Chamamos-lhe promoção da autonomia. O nosso modelo não é manter a chama da vida. É gerir a saída com dignidade logística. Porque se as famílias tivessem tempo, o nosso negócio de estacionamento premium não existia.

Por isso:

- alimentamos a vossa paz de espírito com relatórios por e-mail
- promovemos atividades que ocupam horas sem exigir presença

- chamamos “qualidade de vida” à ausência de problemas para os herdeiros
Não nos peça humanidade. Oferecemos procedimentos. E medicação em dia.
O fim da vida é a nossa janela de faturação. Com profissionalismo, A Gestão
do Depósito (gerida por quem nunca visita os próprios pais)

III. O Dia em Que a Porta Não Se Abriu

O domingo passou. O lanche terminou. A cadeira de baloiço parou. Chegou o momento de aceitar o estatuto de sombra. Mas a paz prometida no folheto parece-se muito com um deserto. Olhaste para a porta à espera de um rosto.

Não viste família. Viste o corredor vazio de quem já não conta para a estatística do mundo. Uma cabeça cheia de memórias que ninguém tem tempo de ouvir. Um inventário de sacrifícios que hoje ninguém se lembra de agradecer. Um corpo que resistiu a tudo para ser vencido pela indiferença.

Mãos que apertam o lençol à procura de um toque real. Tentaste sentir-te grato. A solidão do quarto partilhado respondeu em dobro. A parede está cheia de fotografias de pessoas que não aparecem. O olhar fixa-se no nada. A alma fica sem função.

E aí percebes a armadilha: trabalhaste a vida inteira para construir um lar e acabaste reduzido a um número num inventário de batas brancas. O mundo chama-lhe proteção e cuidado. Mas tu sabes a verdade. É a solidão de quem percebe que a memória é a última propriedade privada.

Quando a visita curta se despede à pressa, vai com ela a prova de que ainda és alguém. Fica o cheiro a desinfetante. Fica o relógio que não anda. E fica uma vontade estranha, quase impossível: voltar ao tempo em que o teu nome era dito com amor e não lido num prontuário.

RECLAMAÇÃO N.º 28

A Fila Invisível (A Caridade como Espetáculo)

I. Duas Portas, o Mesmo Prédio

Ensinarão-te que todos somos iguais. Mas tu descobriste que há portas diferentes para o mesmo edifício. Numa delas, entra-se com convite, cartão black e um sorriso seguro. Na outra, entra-se com vergonha, sacos reutilizados e os olhos no chão. É terça-feira.

De um lado da rua, uma inauguração com catering, discursos sobre “responsabilidade social” e fotografias para o LinkedIn. Do outro, uma fila silenciosa dobra o quarteirão: pessoas à espera do Banco Alimentar, a medir a distância entre si para não parecerem um grupo. A fome, aprendeste, gosta de discrição.

O prédio é o mesmo. A cidade é a mesma. O mundo, aparentemente, também.

II. A Coreografia da Dignidade

Na fila do Banco Alimentar não há gritos. Há contenção. Pessoas que pedem desculpa por existir, que dizem “se sobrar” e “não é para mim, é para os miúdos”. Há ex-trabalhadores, reformados, gente que fez tudo certo até ao mês em que a vida decidiu não colaborar. Do outro lado, fala-se de mérito. De esforço. De “quem quer, consegue”.

Brindam-se sucessos com copos que custam mais do que o orçamento alimentar semanal de quem espera. Ninguém mente — apenas escolhe bem o que não vê. A caridade entra como anestesia moral: alivia a consciência de quem tem e disciplina a gratidão de quem não tem.

O pobre aprende rápido a sorrir ao receber. O rico aprende rápido a chamar a isso humanidade.

III. Resposta Automática do Instituto da Desigualdade Funcional (não responder)

Estimado Beneficiário Temporário,

Obrigado por aguardar ordeiramente na sua condição atual. Lamentamos que o custo de vida tenha ultrapassado o seu rendimento, mas importa esclarecer: Nós não corrigimos desigualdades. Gerimos consequências. Se a fila é longa? Chamamos-lhe contexto económico desafiante.

Se o cabaz é insuficiente? Chamamos-lhe apoio possível. O nosso modelo chama-se Caridade Sustentável: o suficiente para que não morras, nunca o bastante para que deixes de precisar. A tua gratidão é essencial para o equilíbrio do sistema.

Com votos de resiliência, O Conselho de Normalização da Fome

IV. O Peso do Saco

Chega a tua vez. Recebes o saco. Agradeces. Sempre agradeces. O saco pesa pouco, mas o gesto pesa muito. Caminhas para casa com comida suficiente para alguns dias e perguntas que duram anos. No caminho, passas pelo evento.

Risos altos. Música ambiente. Alguém fala de “impacto social”. Pensas no impacto real: quem janta sem pensar no preço e quem faz contas ao arroz. O nó na garganta aperta ao perceber que a pobreza não é apenas falta de dinheiro —

é excesso de explicações. É ter de justificar porque estás ali. É sentir que falhaste, mesmo quando o sistema falhou primeiro. O mundo chama-lhe solidariedade. Tu sabes a verdade: é a coexistência educada entre abundância e escassez,

separadas por uma rua e por um acordo silencioso para não misturar as filas. Fica o saco de comida pousado na mesa. Fica o silêncio da casa. Fica a

dignidade intacta, mas cansada. E fica a pergunta que ninguém quer responder:

num mundo que produz tanto, porque é que ainda ensinamos pessoas a agradecer por sobreviver?

RECLAMAÇÃO N.º 29

O Algoritmo Não Te Ama

I. A Jaula Sem Grades

O OnlyFans não é uma plataforma. É um algoritmo com libido e memória infinita. Hoje promove-te. Amanhã esquece-te. Mas a internet lembra-se para sempre. Chamam-lhe “ser o teu próprio patrão”, mas nunca vi patrão que: mude as regras sem avisar, pague quando quer, te obrigue a sorrir enquanto te sentes vazio.

Empreendedorismo onde:

- o produto és tu
- o stock nunca acaba
- a desvalorização é garantida

Não vendes conteúdo. Vendes disponibilidade emocional a estranhos solitários que confundem pagamento com afeto e atenção com amor. E quando decides sair?

Não há “experiência transferível”. Não há estágio. Não há “foi só uma fase”. Há prints. Há backups. Há fóruns. Chamaram liberdade a uma jaula só com Wi-Fi.

II. Resposta Automática do Mundo (não responder)

Caro utilizador,

Obrigado pela tua reclamação. Lamentamos informar que não será analisada, mas será monetizada. O OnlyFans não foi criado para te fazer bem. Foi criado para funcionar. E funciona lindamente.

Nós não prometemos futuro — prometemos dopamina. O resto foste tu que imaginaste. Se alguns ganham milhões? Claro. Sempre precisámos de vencedores visíveis para manter os perdedores motivados.

Chamas-lhe exploração. Nós chamamos-lhe escolha.

Com termos e condições que ninguém lê e consequências que ninguém explica.

Família desfeita? Não é problema nosso. Ansiedade? Burnout? Identidade fragmentada?

Secção errada — tenta Ajuda Psicológica, patrocinada por anúncios. Pediste empoderamento. Demos-te métricas. Pediste liberdade. Demos-te dependência algorítmica. Não vendemos corpos.

Vendemos sonhos estatísticos improváveis com prints de Instagram e filtros quentes. Quando o hype passar, haverá sempre outro: IA, realidade virtual, companheiras digitais, avatares que nunca envelhecem e nunca pedem pausas. Tu és temporário. O sistema é eterno.

Agradecemos a tua contribuição para o ecossistema. O teu conteúdo ajudou a manter o tráfego, os lucros, e a ilusão.

Com os melhores cumprimentos, O Mundo (gerido por investidores que nunca se expõem)

III. O Dia em Que o Like Não Chegou

Nesse dia não aconteceu nada de especial. E foi isso que doeu. A foto era boa. A luz estava certa. O ângulo treinado. A legenda ensaiada para parecer espontânea. Publicada às 19h03 — horário de pico.

Refresh. Nada. Mais cinco minutos. Dois likes. Um deles era antigo. Outro era pena.

O algoritmo não estava zangado. Estava indiferente. E a indiferença é o verdadeiro fim. Começa a negociação interna: “Talvez seja o dia da semana.” “Talvez o público esteja cansado.” “Talvez eu precise mostrar mais.”

Mais o quê? Mais pele? Mais intimidade? Mais mentira?

O telemóvel pesa mais do que devia. Não vibra. Não chama. Não valida. E aí acontece o pensamento proibido: “Se ninguém reage... eu existo?”

Não é vaidade. É condicionamento. Durante meses ensinaram-te que: atenção = valor números = relevância silêncio = fracasso Nesse dia, não falhou o conteúdo. Falhou o espelho.

Porque quando o like não chega, fica só a pessoa. Sem filtros. Sem audiência. Sem roteiro. E essa pessoa já não sabe se vale alguma coisa fora do ecrã.

O mundo chama-lhe “apenas um mau dia”. Mas não é. É o dia em que percebes que trocaste: autoestima por métricas, presença por performance, descanso por expectativa.

Não houve cancelamento. Não houve escândalo. Não houve drama. Só ausência. E num sistema que te ensinou que só existes quando és visto, a ausência é uma forma elegante de desaparecer.

RECLAMAÇÃO N.º 30

O Silêncio Entre Paredes (Onde o Estado não Chega)

I. A Autonomia de Vidro

Ensinarão-te que o teu corpo é o teu castelo. Esqueceram-se de dizer que o castelo tem fendas, que o rei é um estranho que dorme ao teu lado e que a assembleia que decide sobre ti nunca te ouviu. A violência não começa no soco. Começa no controlo do comando da televisão, no saldo da conta, no tempo que “demoraste demais” a chegar a casa.

Quando a vida acontece sem ser planeada, vês gabinetes cheios de gente a discutir leis sobre um corpo que nunca lhes pertenceu. Debatem o “direito à vida” enquanto ignoram a tua, que se gasta aos poucos entre uma discussão e uma desculpa. A escolha não é um luxo. É a diferença entre o abismo e a superfície. Mas o mundo prefere julgar a decisão final, sem nunca perguntar como foi a caminhada até lá.

II. Resposta Automática do Instituto da Moral Conveniente

(não responder)

Estimada Cidadã,

Acusamos a receção do seu grito. Lamentamos informar que o nosso sistema de proteção funciona apenas em horário comercial. “Se está grávida e confusa, carregue na tecla 1. Se sofre de violência doméstica, carregue na tecla 2. Se as duas coisas acontecem ao mesmo tempo, aguarde em linha. O seu desespero é importante para nós.” Para nós: a sua dor é um número de processo; a sua autonomia é um debate ético; o seu medo é um problema de vizinhança.

Diz que não tem escolha? Chamamos-lhe fatalidade. Diz que o Estado falhou? Chamamos-lhe falta de verbas. A sua segurança não é prioridade

operacional, é intenção política para anunciar em véspera de eleições. Enquanto o crime for “em família”, o nosso silêncio será o seu cúmplice. A sua dor? Apenas uma estatística para acompanhar o café da manhã.

Com os melhores cumprimentos, A Direção de Assuntos que Ninguém Quer Resolver

III. O Exame Moral Invisível

Seguem-se as mensagens invisíveis que já decoraste sem ninguém precisar de as dizer: “Já pensaste melhor? Dez semanas é muito tempo, mas três dias de reflexão obrigatória talvez te façam mudar de ideias.” “Tem a certeza? O pai não devia ser ouvido?” “Não quer falar com alguém da pastoral, ou de outro serviço, antes de assinar?” Na teoria, a lei fala em autonomia, direito de escolha, proteção da saúde física e psicológica. Na prática, cada passo é um exame moral disfarçado de procedimento técnico.

Ninguém pergunta: “Se a tua casa fosse segura, estarias aqui?” “Se não tivesses medo de ser morta, escolherias diferente?” A resposta automática do mundo é sempre a mesma: acha que sabe melhor do que tu o que fazer com o teu próprio corpo.

DEPOIS DA ÚLTIMA RECLAMAÇÃO

Nota do autor

Obrigado por chegares até aqui.

Este livro nasceu da fricção: filas que não andam, sistemas que não respondem, algoritmos que fingem neutralidade enquanto decidem por nós. Se alguma destas reclamações te fez parar, rir ou reconhecer um pedaço do absurdo à tua volta, então este livro cumpriu o seu papel.

Mas reclamar não é desistir. É uma forma de atenção.

Depois de escrever estas páginas, percebi outra coisa: apesar de tudo o que falha, há gestos que resistem. Pessoas que ficam. Momentos que funcionam por teimosia, não por design. Pequenas escolhas que não aparecem nos relatórios, mas que seguram o mundo no sítio.

Este livro olha para o que nos empurra. O próximo olha para o que nos puxa para a frente.

Se este livro de reclamações te acompanhou no caos, mesmo que por algumas páginas, já valeu a pena. O resto continua lá fora. E continua a merecer atenção — crítica, mas também cuidado.

Se quiseres apoiar este projeto, uma avaliação honesta ou a partilha com alguém que precise de reclamar do mundo também fazem parte desta história.

CONTINUA A DESCOBRIR

Mais livros, ensaios e música

Se este livro te fez reconhecer um pouco do absurdo à tua volta, visita o site do autor para descobrir os outros projetos — livros em português e inglês, ensaios e música publicada sob o nome Reira Bin.

VISITAR SABINOPEREIRA.COM

COMPRAR A EDIÇÃO IMPRESSA NA AMAZON

Obrigado por leres — e por continuares atento.